



As Traduções DA BÍBLIA

Uma Introdução à Crítica Textual

Jean Carlos da Silva



JEAN CARLOS

As Traduções da Bíblia
Uma Introdução à Crítica Textual

SEGUNDA EDIÇÃO

Suzano / SP
Grammata Publicações
2025

AS TRADUÇÕES DA BÍBLIA

Suzano, SP / 2025

Jean Carlos

Categoria: Bíblia / Teologia
/ Crítica Textual / Doutrina

Coordenação Editorial:

Professor Jean Carlos

Todos os direitos reservados em Língua Portuguesa por Jean Carlos

Capa:

Eduardo Souza

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou outros) sem a prévia autorização por escrito do autor. Exceto quando mencionado.

Ilustração:

Ângela Maria

Diagramação:

Eduardo Souza

Professor Jean Carlos

Revisão:

Fabio Junior

Marques Lopes

Todas as citações bíblicas foram extraídas da Versão ARC - Almeida REVISTA E Corrigida.

ISBN:

978-85-68485-04-0

Câmara Brasileira do Livro

Contato com o autor



EDIÇÕES QUE EDIFICAM

Θεὸς καλὸς ἐστίν

11 9.9663-3202 (WHATSAPP) -

Site: www.materialteologico.com.br

Παῦλος ἀπόστολος οὐκ ἀπ' ἀνθρώπων,
οὐδὲ δι' ἀνθρώπου, ἀλλὰ διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ, καὶ θε-
οῦ πατρὸς τοῦ ἐχείραντος αὐτὸν ἐκ νεκρῶν,
Paulus apostolus non ab hominibus neque per hominem
sed per Iesum Christum et Deum patrem qui suscitavit
eum a mortuis.

SUMÁRIO

Apresentação, 7

Introdução, 11

CAPÍTULO 1

Principais termos utilizados em Tradutologia, 15

CAPÍTULO 2

Dos autógrafos às edições modernas, 21

CAPÍTULO 3

Traduções Antigas da Bíblia, 31

Edições da LXX, 32

Edições da Vulgata Latina, 42

6

CAPÍTULO 4 – MANUSCRITOS ANTIGOS

Síntese dos manuscritos do Texto Massorético, 45

Síntese dos manuscritos do Novo Testamento Grego, 45

Síntese dos manuscritos da Vetus Latina, 58

CAPÍTULO 5 – EDIÇÕES IMPRESSAS

Edições da Bíblia Hebraica, 65

Breve História das Traduções em Português, 83

Breve currículo do autor, 93

Referências, 103

Paulus apostolus non
sed per Iesum Christum et Deum patrem qui suscitavit
eum a mortuis.

APRESENTAÇÃO

Depois de um longo período de cerca de 15 anos estudando, pesquisando, editando e ensinando, chegou a hora de colocar em um papel, através deste livro, este tão importante tema: As Traduções da Bíblia – dos autógrafos aos textos atuais.

As traduções da Bíblia ganharam, de certa forma, importância no estudo recentemente no meio pentecostal. Por exemplo, quando comecei a estudar grego no final dos anos 90, poucos pentecostais ou faziam um curso limitado nos antigos “bacharéis em Teologia”, ou não tinha acesso ao curso.

Diante desse cenário, o público pentecostal, do qual eu faço parte por muito tempo, não se interessou por esse tema, assim como pela Teologia, haja vista que, na Assembleia de Deus no passado, aquela era tida como vilã, “CARNALIDADE”, fraqueza, entre outras coisas mais. Desse modo, os irmãos eram desestimulados a estudar, já que havia quase sempre conotação negativa. Logo, se até a Teologia era tratada assim por muitos pastores-presidentes de convenções, campos e regiões, imagina um assunto científico como este? Eis aí, meu irmão, o que era para muitos a “**besta que vai subir do mar**”.

Se não havia quase ninguém interessado em Grego, Hebraico ou Latim... Crítica Textual, tanto do texto Massorético como das edições em Grego e até da Vulgata Latina... Esqueça! Dificilmente se encontrava alguém.

8 Chegamos no período meio “**GROGUE**” da internet: por um lado facilitou, deu acesso aos cursos on-line, cursos de Letras EaD, contudo, por outro lado, apareceram aventureiros, desequilibrados e inventores, que tiveram acesso a um curso básico de Grego, meia alfabetização e pronto! Muitos já se acham “linguistas”, pensam que já possuem “peso” para falar que tal tradução é próxima do Original; essa tradução é “fraca”, etc. Não sabem nem o que estão falando.

Outro meio que facilitou bastante foi a chegada de novos materiais. Hoje podemos ter acesso, claro que por meio da “**PIRATAYSHON**”, a dicionários, enciclopédias, textos digitais em Grego e Hebraico... sendo assim, facilita. Por outro lado, alguns pensam que memorizando alguns substantivos, adjetivos e verbos já podem saírem por aí dizendo que são “exegetas”, ou que entendem de Tradutologia e Crítica Textual... ledor engano!

Para explicar uma determinada sintaxe, seja em língua hebraica, grega ou latina, não basta saber o significado da palavra em sua forma básica, por exemplo. A forma básica a que me refiro é aquela que encontramos no dicionário. Claro, eu sei, dependendo do termo, se for ou estiver conjugado e não aparecer tanto nos textos sagrados, há uma possibilidade para que esteja nos dicionários; contudo, é uma exceção! No texto em si, a palavra está flexionada, conjugada ou articulada; a partir disso a pessoa sai lendo a palavra como se estivesse na forma básica e querendo dar uma superficial explicação. **NÃO DÁ CERTO ISSO.**

Outro problema que tenho percebido é que alguns pregadores (os quais, por sinal, são excelentes pregadores) tem uma boa oratória e cativa o povo, mas não sabem quase nada de língua

grega ou hebraica. Olham para o contexto que eles conhecem bem a parte teológica, e ficam inventando tradução para determinadas palavras do texto, como que se mostrando ao público como tradutores. Eu declaro: não tem nada a ver uma coisa com outra! Eles inventam traduções de palavras; o sentido do contexto é certo, mas não tem necessidade nenhuma de dizerem que conhecem Grego, mentindo, e não falando a verdade, estão inventando. 9

Outro caso comum que tenho percebido também, ao longo desses anos, são vendedores/colportores nas escolas, livrarias, internet ou igrejas, dizendo frases do tipo: “Olhe, essa Bíblia é mais próxima do Original; essa não é próxima do Original...” Eu pergunto: “Com que autoridade esse ‘cabra’ vem falando isso? Quem inventou isso para ele? Ele entende de Original ou é apenas um vendedor/colporteur?”. Sobre esse mito, gostaria de gastar algumas linhas nessa introdução.

Em primeiro lugar, devo destacar que essa pergunta: **“mais próxima do Original”** tende a ser classificada como utopia no futuro; por quê? Porque a pergunta está sendo feita de maneira errada. E mais um porquê: Não existe um **“suposto”** único Original, então esse texto seria mais próximo de qual Original?

Para começar pelo Antigo Testamento e os textos Massoréticos, de acordo com Emanuel Tov, há cerca de 3.000 manuscritos hebraicos da Bíblia ou de partes dela, datados entre os séculos X e XV, que são considerados Massoréticos ou próximos ao texto Massorético. Alguns são códices completos, que contêm toda a Bíblia Hebraica ou a maior parte dela; outros são rolos, que geralmente contêm apenas um livro ou uma seção da Bíblia. Claro, desse amontoado destaco a Codex Alepo (que ainda falaremos dele com detalhe) e o **CODEX LENINGRADO**. Então, essa Bíblia seria próxima a qual Original?

Em se tratando de edições impressas da Bíblia Hebraica, temos também várias editadas ao longo dos anos: Daniel Bomberg, Editora Sepher, Hebraica da Alemanha... então essa Bíblia seria próxima a qual Original?

Quando chegamos nos manuscritos e edições tanto do texto do Novo Testamento Grego ou em Latim, aí a caldo “ENGROSSA”: são quase 5000 manuscritos e um grande número de edições impressas; então essa Bíblia seria próxima a qual Original?

10 Qual seria, então, a pergunta correta? Qual a edição impressa que serviu de base para essa tradução? Essa seria a pergunta correta! Cada comissão de tradução adota um texto hebraico e grego respectivo, então esse texto ficaria próximo a esse “ORIGINAL”.

Outro ponto importante também seria destacar que cada tradução terá seu público-alvo e uma metodologia específica. Quando a determinada comissão muda a metodologia que estamos acostumados, não significa que eles “ADULTERARAM” a Bíblia! Calma! O sentido da edição impressa está mantido, só não estávamos acostumados com aquela metodologia; se você não sabe disso, não conhece a comissão ou não tem autoridade no assunto, não é bom ficar dizendo aleatoriamente que essa ou aquela versão está adulterada.

Paulus apostolus non go
sed per Iesum Christum et Deum patrem qui suscitavit
eum a mortuis.

INTRODUÇÃO

Com referência à grande ciência que século passado ganhou corpo para que comissões espalhadas pelo mundo tivessem acesso a textos críticos, bem editados, e com aparatos críticos, temos os especialistas: Aland Kurt, Bárbara Kurt, Berthold Altaner, Joseph Angus, Pedro Apolinário, Bittencourt, Eberhard Nestle, Robinson e Pierpoint, Wilbur Pickering, Bruce Metzger, entre outros.

Agora vem o professor Jean Carlos? Sim! Pense comigo: de que serve o conhecimento que não se tem acesso? Para haver impacto, deve o máximo de pessoas possuir acesso a esse. Assim sendo, meu objetivo é trazer uma visão geral do assunto dos principais termos utilizados pela ciência da Crítica Textual, traduções da Bíblia, principais textos editados, manuscritos da Bíblia e muito mais, de forma objetiva, simples, e, principalmente, preliminar ao meu público pentecostal, para que após essa introdução, vocês possam mergulhar nas águas profundas da Crítica Textual e nas traduções da Bíblia.

Nesse sentido, é maravilhoso ouvir um pastor cheio do Espírito Santo, que prega com autoridade. Entretanto, um pastor cheio do Espírito Santo, com domínio bíblico equilibrado, conhecedor das línguas originais, conhecimento regular de Crítica Textual... aí não tem para ninguém! Claro, esse não é o salvador da pátria e um “deus”! Continua sendo homem, contudo, preparado.

Assim sendo, a Crítica Textual da Bíblia, estudos tradutológicos, quadro comparativo da Bíblia, aparatos críticos e estudo das variantes não são inimigas das Sagradas Escrituras, pelo contrário, será retirado algo que foi colocado de forma humana, logo, nada mais justo se fará com o mandamento bíblico. Sob esse viés, os antigos diziam que não podemos tirar nada da Bíblia, claro. Todavia, o mandamento também diz que não é para acrescentar nada a ela. Portanto, eu entendo como justiça retirar o que foi colocado ao longo do processo de cópias de forma humana.

Veja que o Novo Testamento, por exemplo, fora copiado a mão durante uns 1.500 anos; é muita coisa, não é? Se este foi copiado a mão durante todo esse tempo, não assusta termos uma quantidade até relativamente pequena de uns 5.000 manuscritos espalhados pelo mundo, haja vista o tempo que ficou se praticando o tal processo de cópias manuais.

Desta forma, para que, então, a Crítica Textual? Estes manuscritos não concordam em sua totalidade. Por exemplo, um determinado versículo pode ser de João, Paulo ou Pedro, se estiver em 100 manuscritos, contendo 10 palavras, e, nessas dez palavras, nenhum advérbio, e em outros 95 manuscritos, o mesmo versículo tem as mesmas 10 palavras e um advérbio. Evidencia-se que um ou outro não é o Original, ou seja, em um desses grupos houve uma falha para haver essas diferenças. Diante deste cenário, a Crítica Textual nos serve de ferramenta para esclarecer qual manuscrito é original.

Ademais, devido a pequenas discrepâncias que existem nesses manuscritos, acréscimos ou retiradas pontuais, requerem que exista uma ciência que os analise, com base em alguns critérios, para tentar reconstruir um texto mais próximo possível do Original.

Além disso, este processo, pelo menos na minha opinião, não visa duvidar da inspiração divina, plenária e verbal da Bíblia. Mesmo nesses manuscritos, acredito na inerrância e inspiração do Eterno. Entretanto, ao se realizar os procedimentos de análise da Crítica Textual, objetiva-se dar mais segurança técnica ao leitor por averiguação da fidelidade das fontes bíblicas.

Em suma, espero que este simples e modesto livro possa te incentivar a aventurar-se por este caminho de descobertas fascinantes pela genuína Palavra Divina, e que Deus abençoe sua leitura. A partir desta seção, algumas perguntas serão respondidas de maneira sucinta e objetiva sobre o tema.

Παῦλος ἀπόστολος οὐκ ἀπ' ἀνθρώπων,
οὐδὲ δι' ἀνθρώπου, ἀλλὰ διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ, καὶ θε-
οπατρὸς τοῦ ἐχείραντος αὐτὸν ἐκ νεκρῶν,
Paulus apostolus non ab hominibus neque per hominen-
sed per Iesum Christum et Deum patrem qui suscitavit¹⁵

CAPÍTULO 1

Principais termos utilizados em Tradutologia

Além disso, este processo, De forma sucinta, podemos observar que a Tradutologia é a disciplina que estuda a tradução em si, ou seja, o processo de verter um determinado texto de uma língua para outra. Se eu tenho o substantivo hebraico “shalom” e verto ele para Português, significa “paz”. A Tradutologia é um saber sobre a prática tradutória, que analisa, de forma geral, os aspectos teóricos, históricos, culturais e sociais envolvidos na atividade de traduzir.

TRADUÇÃO

Podemos entender este termo como simplesmente a transposição de uma composição literária de uma língua para outra. Por exemplo, se a Bíblia fosse transcrita dos originais Hebraico e Grego para o Português, chamaríamos esse trabalho de tradução.

EXEMPLO PRÁTICO:

Ἀποκάλυψις Ἰησοῦ χριστοῦ, ἣν ἔδωκεν αὐτοῖ ὁ θεὸς...
(Apokalypsis Iêssú Khristú hên edôken autô[i] hó Theós – utilizei transliteração simplificada).

Essa frase, eu traduziria assim: Revelação de Jesus Cristo que Deus concedeu-lhe... Veja que o substantivo “Deus” está com artigo e ganhando ênfase de sujeito, já que em Grego está no caso nominativo; então, trouxe Ele para posição de ênfase, isto é, foi Deus que concedeu a Jesus a revelação.

Aqui está um exemplo prático de tradução.

VERSÃO

Aparentemente tradução e versão não fazem separação, contudo, no ramo profissional, poderá haver essa diferenciação, inclusive pode parecer desnecessária, entretanto, no mercado de tradução, essa indicação serve a um propósito específico: o de

indicar a complexidade do serviço para o tradutor profissional. Assim sendo, a versão tem sido definida como que o oposto, isto é, passar do Português para a língua estrangeira.

Mas existe grande disputa quanto a isso; não é meu objetivo aqui tentar resolver um problema que nem é problema. Sendo assim, acredito que define bem o que é tradução da Bíblia: do **17** Hebraico e Grego para Português; e uma versão como pegando essa tradução em Português e vertesse para Guarani, por exemplo. Do Português seria uma tradução, e do Guarani, uma versão. Como disse, não sou dono da verdade e nem da razão, então se oferecerem algo um pouco diferente, não tem nenhum problema.

ATRADUÇÃO LITERAL INTERLINEAR

Aparentemente, tradução é uma tentativa de expressar, com toda a fidelidade possível e o máximo de exatidão, o sentido das palavras originais do texto que está sendo traduzido. Trata-se de uma transcrição textual, palavra por palavra. O resultado é um texto um tanto rígido.

EXEMPLO PRÁTICO (1 TS 4.11):

“Esforcem-se para ter uma vida tranquila...” (NVI)

| | | |
|------------------------|---------------------------|----------------|
| “ καὶ φιλοτιμεῖσθαι | ἡσυχάζειν | |
| E procurar[des]a honra | de viver em tranquilidade | |
| καὶ πράσσειν | τὰ ἴδια | καὶ ἐργάζεσθαι |
| E realizar | as próprias | e trabalhar |
| ταῖς χερσὶν | ὑμῶν, | καθὼς |
| (com) as próprias Mãos | de vós | assim como |
| ὑμῖν | παρηγγείλαμεν. | |
| A vós | ordenamos ao lado. | |

Perceberam que uma tradução final fica mais lógica que uma tradução literal interlinear?

TRANSLITERAÇÃO

18 De forma sucinta, uma transliteração é a versão das letras de um texto em certa língua para as letras correspondentes de outra língua. É claro que uma tradução literal interlinear e transliteração da Bíblia fica sem sentido para uma pessoa de pouca cultura.

Exemplo prático:

... (Apokalypsis Iêssú Khristú hên edôken autô[i] hó Theós – utilizei transliteração simplificada).

O QUE É A CRÍTICA TEXTUAL?

Em primeiro lugar, é importante saber que um texto, independente da fonte, sofre modificações ao longo do processo de sua transmissão. Assim sendo, devo destacar que a Crítica Textual é uma ciência que visa restituição fidedigna dos textos originais. Haja vista que de maneira voluntária ou não, as alterações fazem-se presentes nas cópias.

Desta forma, a Crítica Textual se aplica aos textos sagrados e aos seculares. Também teremos a tradicional ecdótica¹ sendo a disciplina filológica que estuda a criação literária, desenvolvida pelo erudito Henri Quentin na obra “Essais de critique textuelle (ecdotique)”¹.

Portando, Crítica Textual é o estudo das cópias de um documento qualquer para se chegar ao denominador comum, o autógrafo (texto original). Nesse sentido, crítica tem a semântica de análise minuciosa, e não apenas no sentido restritamente negativo, como muitos imaginam. O autógrafo a que me refiro é o primeiro manuscrito do Novo Testamento no século I.

Em suma, esta meticulosa ciência propõe avaliar todas

as evidências dos manuscritos existentes e chegar ao verdadeiro propósito dos autores originais por meio da comparação. Contudo, como disse anteriormente, o autógrafo não existe mais e as cópias sobreviventes divergem entre si em alguns pontos. Assim sendo, a prática do estudo da crítica é de extrema importância.

Neste sentido, o conhecido crítico textual definiu:

19

“É o estudo de cópias manuscritas de qualquer documento cujos autógrafo (o original) é desconhecido ou inexistente, tanto do Antigo como do Novo Testamento, visando recuperar as exatas palavras do texto original”. Daniel Wallace, *Laying a Foundation: New Testament Textual Criticism*.

No Antigo Testamento, temos importantes Codex como Alepo e Leningrado. Claro, eles não são iguais, são exatamente idênticos; quando isso acontece, isto é, em algum ponto um determinado texto ter na frase 10 palavras, por exemplo, e no outro Codex o mesmo texto ter 12 palavras, um dos dois não é o original. Assim sendo, entra em jogo a Crítica Textual, que, em um aparato crítico, oferece as devidas explicações técnicas.

1 disponível digital neste link <https://archive.org/details/essaisdecritique0000quen>.

וְלִיבָיִם וְשִׁנָּיִם׃ 15 וְהָיָה לְמַאֲדָתָהּ כְּרִנָּה לְשִׁמְיָהּ עַל־הָאָרֶץ׃ 23
וְהָיָה כֶּן׃ 16 וְגַם אֲלֵהֶם הַמַּאֲלֹת הַיְדֹלָיִם אֶת־הַמַּאֲלֹרֹת׃ 24
וְהָיָה כֶּן׃ 16 וְגַם אֲלֵהֶם הַמַּאֲלֹת הַיְדֹלָיִם אֶת־הַמַּאֲלֹרֹת׃ 24

Cp 1 ¹Mm 1. ²Mm 2. ³Mm 3. ⁴Mm 3139. ⁵Mp sub loco. ⁶Mm 4. ⁷Jer 4,23, cf Mp sub loco. ⁸Hi 38,19. ⁹2 Ch 24,20. ¹⁰Mm 5. ¹¹Mm 6. ¹²Mm 3105. ¹³דוד ודוד Hi 28,3. ¹⁴Mm 200. ¹⁵Mm 7. ¹⁶Mm 1431. ¹⁷Mm 2773. ¹⁸Mm 3700. ¹⁹Mm 736. ²⁰דוד ודוד Ps 66,6. ²¹Mm 722. ²²Mm 2645. ²³Qoh 6,3.

Cp 1, 1^a Orig *Bp̄m̄iθ* vel *Bap̄m̄iθ* (-*aeθ*), Samar *bārāsīi* || 6^a huc tr 7^{a-3} cf 9.11.15.20.
 24.30 || 7^{a-3} cf 6^a; ins כִּרְטוֹב בִּרְאָה לְהָרָא cf 4.10.12.18.21.31 et 8 (9) || 9^a 9 συνα-
 γῆν = מִקְרָה הַמַּיִם בְּקִרְיָה 10 || 10 + καὶ συνήχθη τὸ ὄχλος τὸ ὑπακείμεν τοῦ σὺνανου εἰς τὰς
 συναγωγὰς ἀδύων καὶ ὠφθῆν ἡ ξυρά = וַיִּקְרָה בְּכִפְשָׁא וַתְּרָא מִקְרָהִים לְאִל־מִקְרָהִים וַתִּתֵּן
 11^{a-3} 11 9 טו עשׁב c עשא || 1^b 1 c pc Mss 11 טו עשׁב cf 12 || 1^c pth d cf 12.

APARATO CRÍTICO DA BÍBLIA HEBRAICA

Παῦλος ἀπόστολος οὐκ ἀπ' ἀνθρώπων,
οὐδὲ δι' ἀνθρώπου, ἀλλὰ διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ, καὶ θε-
οπατρὸς τοῦ ἐχείραντος αὐτὸν ἐκ νεκρῶν,
Paulus apostolus non ab hominibus neque per hominen
sed per Iesum Christum et Deum patrem qui suscitavit²¹

CAPÍTULO 2

Dos autógrafos às edições modernas

Primariamente, devemos destacar a palavra latina “**manuscrito**” sendo basicamente “escrita à mão”.

Contudo, um texto digitado atualmente é elaborado por máquinas, computadores, ou seja, o produto que o leitor recebe envolveu meios mecânicos.

22

Sob esse viés, manuscrito autógrafo refere-se aos textos manufaturados pelo autor, o próprio escritor, seja ele narrador ou apenas um escriba, este último chamado também de amanuense ou copista; é aquele que copiava textos ou documentos à mão. Como ilustração, Paulo utilizou os serviços de um desses para escrever algumas de suas cartas. Estes textos são chamados manuscritos originais (propriamente dito), já que são aqueles primeiros documentos que vieram para a Igreja.

Entretanto, teorias, suposições ou pensamentos sobre estes manuscritos autógrafos são meras especulações, já que eles se perderam há muito tempo. Certamente, antes de desaparecerem, Deus providenciou meios que os escribas os copiassem.

O autógrafo a que me refiro é o primeiro manuscrito escrito pelos autores do NT no primeiro século.

Esta minuciosa ciência propõe avaliar todas as evidências dos manuscritos existentes e chegar ao verdadeiro propósito dos autores originais. Contudo, como disse anteriormente, o autógrafo não existe mais e as cópias sobreviventes divergem entre si em alguns pontos. Assim sendo, é de suma importância a prática do estudo da Crítica Textual.

TIPOS DE MANUSCRITOS GREGOS ANTIGOS E ESCRITAS

Dentre os materiais utilizados para prática de Crítica Textual, destaco os papiros, pergaminhos, unciais (são os manuscritos com as letras gregas, todas maiúsculas), minúsculos, lecionários

(coleções de textos bíblicos). Trata-se de porções escritas do texto grego. No primeiro século não existia somente a língua grega; pelo contrário, existiam várias línguas do mundo romano. Dessa forma, seria necessário o aparecimento de versões, ou seja, traduções do Novo Testamento grego (me refiro a manuscritos) para essas línguas, e para isto os eruditos dão o nome de versões. Outros **23** manuscritos importantes, também, para a Crítica Textual, são as citações do Novo Testamento dos chamados “**Pais da Igreja**”.

Em minha introdução e apresentação falei sobre a frase utilizada em dias modernos: “**é próxima do original**”; portanto, o texto base utilizado já veio de uma edição; a edição, por sua vez, veio de um ajuntamento de textos; esses textos foram copiados de outros manuscritos, e lá atrás fora copiado dos primeiros textos dos autores, que se perdeu.

Como os manuscritos eram escritos à mão, havia diversos estilos de escrita, naturalmente, tal como hoje, uma vez que na informática existem milhares de tipos de fontes tipográficas. Para a **Crítica textual**, o que você, caro leitor, que ingressa ou se interessa nesse assunto, o básico seria saber sobre uncial, cursivo e minúsculo, sendo que os dois últimos acabam se misturando.

UNCIAL — A TRADICIONAL LETRA MAIÚSCULA

Inevitavelmente, temos o Latim mais uma vez compondo os nomes dados a Crítica Textual. Por exemplo, a tradicional letra inicial vem do latim **initialis**, (**adotamos a pronúncia eclesiástica de inissialis**), sendo o nome dado a uma letra decorativa, normalmente uma maiúscula, usada no início de um parágrafo ou capítulo; isso é comum em documentos das letras clássicas. Serve para mostrar que o texto começa naquela zona, sendo ainda usadas na paginação contemporânea.

Tanto no Grego como no Hebraico e Latim clássico não existia a distinção entre maiúsculas e minúsculas; todos os textos eram escritos com letras semelhantes às aquelas que hoje conhecemos como as maiúsculas, inclusivamente os nomes próprios.

24 Então o tipo de escrita “uncial” é chamado, em Crítica Textual, de maiúscula? Exatamente! E o que significava o sentido? Não será aqui que vamos resolver esse problema, entretanto, lembro-me uma vez um emérito professor de Latim falando de o erudito São Jerônimo ter lançado o termo pela primeira vez com sentido de duodécima parte. É só pegar algo e dividir por 12 vezes - essa parte dividida será um “uncial”. Claro, em Crítica Textual indica uma escrita grande e igual, eis a razão do nome “maiúscula”. Agora, pode mesmo ter a ver com o espaço tomado na folha de papiro ou pergaminho.

Sobre as “unciais”, temos citações históricas que os escritos dos séculos III e utilizados até o século XI. Existem cerca de 320 unciais.

Esse método fora elaborado definitivamente a partir de 1908, pelo erudito C. R. Gregory, onde classificou os unciais conforme o descrito acima, e os cursivos, ou minúsculos, por numerais em algarismo árabicos. Já os manuscritos em papiros são representados pela letra “P”.

CURSIVA — A TRADICIONAL LETRA QUE DEU ORIGEM À MINÚSCULA

Evidentemente que o termo “cursivo” e “minúsculo”, às vezes se misturam e parecem ser a mesma coisa, contudo, concordo com o Dr. Waldir Carvalho Luz, emérito professor de Letras Clássicas da UNICAMP — Universidade Estadual de Campinas, e o linguista Wilson Parocchi entendem ser melhor desvincular o termo. Nesse sentido, a forma de escrita cursiva

é para diferenciar da uncial. O termo “cursivo” se dar pelo fato de as letras serem ligadas umas, as outras, só com detalhe do ambiente popular, dia a dia e ambiente familiar.

Historiadores discorrem e os programas de letras clássicas que, a partir do século IX, começou a tradicional reforma nos estilos de escritas. Assim sendo, a partir desse modelo de letra menor, isto **25** é, a cursiva, que até então era utilizada em ambiente informal, ser utilizada em livros. Inclusive nos textos bíblicos: Temos o termo “escrita minúscula”, mais formal para utilização em livros, e a escrita cursiva para utilização informal; percebeu a diferença?

Quantos manuscritos minúsculos temos hoje da Bíblia?

Pelo catálogo da SBU, temos mais 2.800. O leitor dever perceber por dedução que considerando seu uso formal em livros a partir do século IX, então a maioria de minúsculo só poderia ser mesmo em pergaminho. Em resumo, acredito que não poderia deixar de citar a tradicional M33, sigla para minúsculo 33, chamado o “rei dos minúsculos”.

NO CAPÍTULO 4 DESSE LIVRO, ABORDAREMOS MAIS SOBRE OS MATERIAIS UTILIZADOS PARA PRODUÇÃO DOS MANUSCRITOS. PAPIROS, PERGAMINHOS, ETC.

NOMINA SACRA

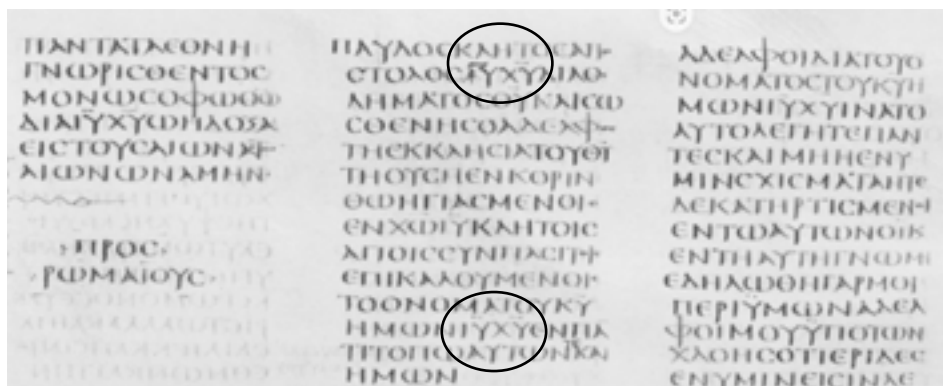
No termo descrito acima, a Crítica Textual pertence à seção chamada de “**abreviações**”, palavra já conhecida do mundo ocidental. Em meus primeiros anos de estudo das letras clássicas, ouvi inicialmente que tanto as abreviações de contração ou suspensão se dava pelo motivo de economia do espaço.

Desta maneira, faz sentido, mesmo em manuscritos gregos cristãos, as abreviações foram utilizadas, pelos menos nos “nomina sacra” (Nomes Sagrados) com sentido de referência mesmo. Assim sendo, a suspensão, isto é, o processo de abreviação de palavras,

principalmente no final das linhas, era mesmo por espaço, já um grupo específico de mais de 10 palavras gregas, abreviado eram mesmo por reverência, estes deram nome de nomina sacra.

Na prática, o que era a nomina sacra? Um grupo de palavra, na qual a maioria esmagadora referia-se a Deus e aos temas

26 Sagrados. As abreviaturas nos manuscritos já eram percebíveis que se tratava disso.



Manuscritos gregos com nomina sacra (1 Co 1.1 - destaque)

MANUSCRITOS APÓGRAFOS

Comumente confundidos, apógrafo e apócrifo são termos parecidos sonoramente, todavia, é importante salientar que o termo “apócrifo” se refere aos livros que não entraram no “cânion” protestante. Esclarecidas as possíveis confusões, segamos para nosso alvo.

Deste modo, a cópia dos autógrafos ou manuscritos originais são chamadas de apógrafos. Evidentemente, essas cópias têm a parte humana de “erros”, contudo, estamos cientes e convictos que temos a Palavra de Deus inspirada, mesmo com as deficiências da época, essas cópias foram importantes para preservação dos textos bíblicos.

A TRANSMISSÃO DA BÍBLIA

Como a Bíblia chegou até nós, na forma em que a conhecemos? Essa é a pergunta que não se cala entre crentes e descrentes. Claro, até aqui, mesmo estando apenas em seu segundo capítulo, dá para perceber o quanto antigamente era diferente a produção e escrita de textos.

27

Acredito que todos concordam que, em qualquer lugar do mundo, é possível acessar a Bíblia na forma de livro: começou com pedra e chegamos a era digital. Ela á foi traduzida para mais de 1.600 idiomas e dialetos. Porém, há mais de 4.000 povos que ainda não podem ler as Escrituras em sua própria íngua. Eis aí um enorme desafio Dara a Igreja do Senhor Jesus.

BREVE PALAVRA SOBRE TRANSMISSÃO ORAL.

Nos tempos mais remotos, conforme registros do Antigo Testamento, o Senhor comunicava-se com o homem verbalmente. Tanto é que lá no Éden, ele fora advertido pessoalmente pelo Eterno, que não comesse do fruto da “árvore da ciência do bem e do mal” (Gn 2.17). Todavia, ordem divina não foi cumprida, acarretando o drástico fim da comunhão entre Deus e sua principal criatura.

Um período muito importante para transmissão oral fora os períodos de Noé a Abraão. Esse período compreende 1.427 anos, e envolve os capítulos 6 a 11 de Gênesis. Nesta época, Deus alertara Noé acerca do dilúvio, salvando a vida de oito pessoas: o patriarca, sua esposa, os três filhos (Sem, Cão e Jafé), e suas três noras. Se fizermos uma leitura cuidadosa das Escrituras, verificaremos que Abraão transmitiu a Palavra de Deus oralmente a Isaque, e que essa mesma tradição perdurou até os dias de Moisés. Este, bem informado sobre os fatos transmitidos por seus pais, teve plena condição de ser o primeiro escritor humano da Bíblia Sagrada. “Então disse o Senhor a Moisés: Escreve isto para memória num livro e relata-o aos ouvidos de Josué...” (Êx 17.14).

A TRANSMISSÃO ESCRITA DA BÍBLIA

28

Os chamados “**livros canônicos**” da Bíblia foram reunidos ao longo de 1600 anos; e isso se deu de forma especial e impressionantemente harmônica. Só a predominância da vontade de Deus sobre a mente humana pode explicar como cerca de 40 escritores puderam escrever os livros da Bíblia a partir de condições e circunstâncias tão diversas.

A BIBLIOTECA DIVINA

A Bíblia é constituída de 66 livros, e foi escrita em um período de 1600 anos. Durante esse tempo, Deus usou cerca de 40 homens para escrever, reunir e preservar o Sagrado Livro. Nela encontramos histórias, poesias, biografias, normas, orações, profecias e outros relevantes temas e diversos gêneros literários. Em todos os livros, Cristo é o tema central da Bíblia.

O CÂNON BÍBLICO

A palavra “**cânon**” antigamente referia-se a uma haste usada para medir (Ez 40.3). Mais tarde, passou a significar regra, norma ou padrão de medida (Gl 6.16; Fp 3.16). Aplicada à Bíblia, “cânon” é o conjunto de livros inspirados por Deus que transmitem a vontade do Eterno para sua Igreja, regulamentando a vida e a conduta de fé dos cristãos. O cânon do Antigo Testamento foi plenamente concluído em 1.046 anos (aproximadamente); e o do Novo, por volta do ano 100 d.C.

AS EDIÇÕES DE PAPEL E ELETRÔNICAS

A era das cópias precárias passou! Quando, no passado, havia uma condição melhor financeiramente, um copista copiava e outros dois ou três escribas escreviam. Para época, já era a “**glória eterna**”, mesmo assim, o processo era muito lento, devagar e impreciso.

No ano de 2023, agora, temos grandes e poderosas impressoras, máquinas modernas, inteligência artificial, computadores, papel importado e exportado, tudo de bom. As comissões de traduções possuem software para ajudarem no processo, tem máquinas modernas, tudo bem.

Com tanta tecnologia, então, existem traduções modernas 29 perfeitas? Claro que não! A tecnologia em nossa época é uma coisa, e os documentos que as comissões têm para utilizarem é outra coisa. Um texto hebraico editado em época moderna é uma coisa, e a base para criação desse texto, como é antigo e com “defeitos”, é outra coisa.

A tradução moderna não fechará em uma excelência porque, de forma primária, não existem mais autógrafos, e, pelo contrário, somente cópias. Essas cópias têm variações humanas, erros voluntários e involuntários, adaptações de graça e outras coisas mais...

Se um texto de origem já vem com problema, nenhuma tradução moderna terá como fazer milagre. Chegar ao público e falar: “Essa tradução é a exata redação da Bíblia!”. Exata redação? Esqueça! Não tem como chegar à exata redação, não tem como!!!

OBSERVAÇÃO: SOBRE QUAIS SÃO ESSAS TRADUÇÕES MODERNAS E SUAS HISTÓRIAS, VEREMOS ISSO NO CAPÍTULO 6, EM QUE TEREMOS UM RESUMO DE PRATICAMENTE TODAS.

Παῦλος ἀπόστολος οὐκ ἀπ' ἀνθρώπου,
οὐδὲ δι' ἀνθρώπου, ἀλλὰ διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ, καὶ θε-
οπατρὸς τοῦ ἐχείραντος αὐτὸν ἐκ νεκρῶν,
Paulus apostolus non ab hominibus neque per hominen
sed per Iesum Christum et Deum patrem qui suscitavit

CAPÍTULO 3

Traduções Antigas da Bíblia

As traduções antigas da Bíblia são, na verdade, as primeiras traduções nos primeiros séculos depois que esses textos bíblicos foram finalizados e “fechados”. Já mencionei nesse livro que tradução, a que me refiro, fala de pegar um texto em seu original e passar para uma nova língua.

32

EDIÇÕES DA LXX – SEPTUAGINTA – TRADUÇÃO DOS SETENTA

O que chega nos livros de cursos teológicos brasileiros é essa tradução; aquela traduzida do Hebraico para o Grego por setenta sábios judeus, ou, quando muito chato, 72; alguns, para completar, alinham colocar que é uma tradução importante; no mais, seria mais ou menos isso? Será que é somente isso mesmo? Em linhas gerais e de forma direta e sucinta, considero a Septuaginta (LXX daqui em diante) a mais antiga tradução do Antigo Testamento para a língua grega (que era a língua mais falada na época dessa tradução, e também na época de Jesus).

Não se sabe exatamente e comprovadamente a história dessa tradução; por que dessa dúvida? Devido ao tempo longo de sua produção (falo de quantos anos se passaram), surgiram muitas lendas e mitos.

O que temos de concreto (a citação, e não a tradução) seria tradição apontar que ela tenha sido traduzida por setenta sábios (**algumas versões dizem setenta e dois**) estudiosos, especialistas em Hebraico, na cidade de Alexandria, no Egito. Eu sei que existe uma minoria que coloca em dúvida esse número. Por isso ela ganhou o nome de Septuaginta (que vem de setenta, LXX, em algarismos romanos).

Para primeira citação, em chamá-la de “Versão dos Setenta” pela primeira vez, vem da Patrística: Agostinho de Hipona foi o primeiro a chamá-la assim. Já “Septuaginta”, temos uma citação de Eusébio de Cesareia em História Eclesiástica.

Na Vulgata Latina, no texto de Zacarias 1.12, está assim:

“et respondit angelus Domini et dixit Domine exercituum usquequo tu non misereberis Hierusalem et urbium Iuda quibus iratus es iste septuagesimus annus est”.

33

Veja que o substantivo flexionado “septuagesimus” traz essa ideia de ‘70’.

A expressão completa latina era: “interpretatio Septuaginta virorum”, “a tradução pelos setenta homens”, que nos primeiros séculos era utilizada por escritores cristãos para referir-se a todo o Antigo Testamento Grego e/ou à tradução do Antigo Testamento Hebraico para o Grego.



SUPOSTA CARTA DE ARISTEIAS

De acordo com essa Carta de Aristeias, que foi um escritor anônimo, a Septuaginta teria sido produzida em Alexandria, no Egito. A produção teria sido autorizada e patrocinada pelo Ptolomeu II Filadelfo (309 a.C. — 246 a.C.) foi o rei (faraó) do Egito de 281 a.C., até a sua morte em 246 a.C.

De acordo com essa carta, ele desejou ter uma cópia do Pentateuco Hebraico traduzido para o Grego; a partir daqui surge muitas teorias e lendas, então, vamos nos conformar apenas com essa informação e ligar ao Egito.

Então foi produzido apenas o Pentateuco? Claro que não! De acordo com Edsom Francisco, primeiro foi traduzido o Pentateuco, por volta de uns 200 anos a.C.; uns 100 anos depois, produzidos os Profetas e Escritos. Claro, são datas imprecisas e sem conclusão acadêmica.

34

MANUSCRITOS DA LXX

A Versão dos LXX possui inúmeros manuscritos (a principal diferença entre manuscrito e edição é que o manuscrito é o trabalho original escrito pelo autor, enquanto que a edição é o processo de refinar e melhorar esse trabalho original para garantir que seja apresentado da melhor maneira possível) e, como era de se esperar, passou por diversas recensões (revisões posteriores que foram acrescentadas, revisadas e interpretadas nos manuscritos); dessas revisões surgiram um punhado de manuscritos.

A quantidade mais precisa que tenho é do erudito Alfred Rahlfs, que calculou uns 1.500 manuscritos da Versão dos LXX. Abaixo, colocaremos algumas fotos selecionadas por mim e qual texto ele relata.

CÓDICE VATICANO

Sem dúvida nenhuma, o Codex Vaticanus é um dos mais antigos manuscritos existentes da Bíblia Grega (Antigo e Novo Testamento) e um dos quatro grandes códices unciais. O nome “Vaticanus” deve-se ao fato de estar guardado na Biblioteca do Vaticano, pelo menos desde o século XV. Escrito em 759 folhas de velino em letras unciais, foi datado pela paleografia como sendo do século IV.

O Codex Vaticanus originalmente continha uma cópia quase completa da Septuaginta (“LXX”), faltando apenas alguns textos.

CÓDICE VATICANO, SELECCIONADO POR MIM

Link da foto: [Vat.gr.1209](https://vatlib.gr.1209) | [DigiVatLib](https://digi.vatlib.it/)

Na foto acima, selecionada por mim, temos o texto da LXX contendo todo capítulo 1 de Gênesis e uma parte do capítulo 2. Alguns detalhes desse manuscrito que devo destacar:

36 No texto destacado, temos: “En arkhê epoissen hó Theós ton ouranon kaí tên tên”. Primeiro, já temos aí, em meados do século quarto, as letras capitulares (Uma letra capitular artística é uma letra inicial de um parágrafo ou seção que é aumentada e decorada de maneira artística). Segundo, alguns vacilos na escrita do copista na palavra “arkhê”[começo]: copiou a palavra, esqueceu a letra “êta” e colocou menor com um traço acima. Aconteceu também com a conjunção grega “kaí”. Terceiro, já utilização do Nomina Sacra no substantivo “Theós” como traço acima das letras “thêta” e “sigma”. E, por último, estilos de letras diferentes dos conhecidos hoje.

CÓDICE ALEXANDRINO

O Codex Alexandrinus é um manuscrito importante da Bíblia colocado por eruditos como estando em Grego koiné do século V, portanto, idade de importância. Ele contém a maior parte da Septuaginta e o Novo Testamento. É um dos quatro grandes códices unciais. Juntamente com o Codex Sinaiticus e o Vaticanus, este é um dos mais completos manuscritos gregos antigos da Bíblia. Este manuscrito recebe o nome de Alexandria, lugar onde se acredita que ele foi originalmente escrito.

Na foto abaixo, temos o texto da LXX contendo parte capítulo 1 de Gênesis. Alguns detalhes desse manuscrito que devo destacar:

No texto, temos: “En arkhê epoissen hó Theós ton ouranon kaí tên tên”. Primeiro, já temos aí, em meados do século quarto, as letras capitulares; nesse caso acima, mais simplificadas. Segundo, como é em letras UNCIAIS, aparentemente um texto mais cuidadoso. Terceiro, também com Nomina Sacra no nome de Deus.

AS TRADUÇÕES DA BÍBLIA

De acordo com os eruditos, o Codex Sinaiticus é um dos livros mais importantes do mundo, não resta dúvida disso. Outra importância que destaco é sua escrita, há mais de 1600 anos. O manuscrito contém a Bíblia cristã em Grego, incluindo a cópia mais antiga completa do Novo Testamento, por isso utilizado em Crítica Textual como ponto de partida. Seu texto fortemente corrigido é de importância excepcional para a história da Bíblia e o manuscrito - o livro mais antigo substancial a sobreviver à Antiguidade - é de suprema importância para a história do livro¹. O Codex Sinaiticus foi descoberto por Constantin von Tischendorf (um gigante da Crítica Textual), em sua terceira visita ao Mosteiro Ortodoxo de Santa Catarina, no sopé do Monte Sinai (Egito), em 1859. Nas duas primeiras viagens, ele conseguiu partes do Antigo Testamento, encontrados num cesto que continha pedaços de vários manuscritos; que alegria deveria ter ficado o erudito?

Conforme vocês verão na imagem abaixo, o Codex Sinaiticus é escrito em quatro colunas por página, 48 linhas por página. As letras não contêm acentos e aspirações como os dois códices acima.

CÓDICE SINAITICUS, SELECIONADO POR MIM

Link da foto: [Codex Sinaiticus - See The Manuscript](#) | Deuteronomy

ΑΜΟΡΡΑΙΩΝ ΟΙ
ΣΑΝΤΕΡΑΝ ΤΟΥ
ΛΑΝ ΟΥ ΑΠΟ ΤΟΥ
ΧΙΜΑΡΡΟΥ ΑΡΝΩ
ΚΛΙΕΩ ΓΑΡ ΜΩ

ΧΩΡΟΝ ΑΡΙΘΜΗ
ΤΗΝ ΚΑΝΕΚΚΙΝΙ
ΓΗΡΑΦΑΙΝ ΛΟΠ
ΣΗΝ ΣΕΤΑΙ ΚΑΙ ΤΑ
ΥΙΟΣ ΜΑΝΑΣΣΕ
ΛΑΒΕΝ ΤΗ ΑΝΤΙΝ
ΤΕΡΗ ΧΩΡΟΝ ΑΡΓΕ
ΣΩΣΤΩΝ ΟΡΙΩΝ
ΓΕΣΘΥΤΕ ΚΑΙ ΟΜΑ
ΘΕΙΕΙΩΝ ΟΜΑΧΕΝ
ΑΓΙΟ ΕΙΗΤΩΝ
ΜΑΚΙ ΑΥΤΟΥ ΤΗΝ
ΣΑΝ ΑΥΘΟΣ ΕΙΡΕ
ΤΗΝ ΗΜΕΡΑΣ ΤΗ
ΚΑΤΩ ΜΑΧΕΙΡΕ
ΚΑΤΗΝ ΓΑΛΑΚΚΑ

ΑΣ ΤΗΝ ΜΩΝΑΧΕ
ΛΟΚΛΥΜΙΝΕΣ
ΑΝΚΑΤΑ ΠΑΥΣΗ
ΘΟΣΥΜΩΝ ΤΟΥ
ΛΕΛΦΟΥΣ ΤΩΝ
ΩΣΙΕΡ ΚΑΙ ΤΩΝ
ΚΑΤΕΛΑΤΡΟΝΟΝ
ΣΟΥΣΙΝ ΚΑΙ ΟΥ
ΤΗΝ ΠΙΝΗΝ ΚΟ
ΟΣΥΜΩΝ ΛΙΛΩ
ΑΥΤΟΙΣ ΕΝ ΤΩ
ΡΑΝ ΤΟ ΤΙΟΡΑΝ
ΚΑΙ ΣΤΑΝΑΣΤΡΑ
ΦΗΣΕ ΣΟΛΙΕΚΑ
ΤΗΝ ΚΑΛΗΡΟΝ Ο
ΑΝΑΥΤΟΥ ΤΗΝ

Na foto acima, temos o texto da LXX contendo parte de Deuteronômio 3.8. Alguns detalhes desse manuscrito que devo destacar:

No texto acima temos “

...AMOPPAIΩN OI HΞAN ΠEPAN TOY IOΠΔANΟΥ
 ΑΠΟ ΤΟΥ ΞΕΙΜΑΡΡΟΥ ΑΡΝΩΝ ΚΑΙ ΕΩΣ ΑΕΡΜΩΝ
 (Amorraião hoi êssan peran tu Iordanú após tu kheimarrú Arnôn
 kaí héôs Aermôn – transliteração simplificada).
 “... amorreus que estavam dalém do Jordão: desde
 o rio de Arnôm até ao monte Hermom”.

39

Veja que o estilo desse já difere dos outros selecionados por mim. Não tem acentos e as letras são bem elaboradas.

Além desses grandes códices já citados, existem outros. A partir desses manuscritos que surgiram as edições da LXX.

EDIÇÕES DA LXX

A partir dos manuscritos da Versão dos LXX, aparecerão diversas edições da LXX, começando pelo século XVI ou XVII. Praticamente, de todas as quase 20 edições da LXX já publicadas (destaques para as Políglotas [versões da LXX editadas com outros idiomas]), Complutenses, de Hamburgo, de Paris, de Londres, em nossos dias temos à venda, de forma mais fácil pelo mundo, umas três ou quatro edições.

Citado por Emanuel Tov e Edsom Francisco, que dizem que a edição da Septuaginta de Alfred Rahlfs foi uma base importante para a pesquisa em todo o mundo desde que foi publicada pela primeira vez em 1935. Posteriormente, em 2006, esta edição de Rahlfs foi revisada pelo renomado especialista Robert Hanhart, que corrigiu e ampliou o texto e o aparato crítico em mais de mil casos.



Esta edição (**Alfred Rahlfs e Robert Hanhart**) é considerada uma edição crítica. Uma edição crítica é uma versão de um texto que busca estabelecer a forma mais precisa e autêntica do mesmo. Isso é feito através da comparação de várias cópias e manuscritos da obra. O objetivo é confrontar manuscritos ou edições antigas, anotar variantes, desfazer abreviaturas (quando necessário), modernizar a pontuação, corrigir erros tipográficos e interpretar passagens obscuras. As decisões tomadas e explicações das variantes adotadas ficam alistadas no aparato crítico das edições críticas.

A sequência dos livros na LXX editada por Rahlfs é um pouco diferente do texto Massorético. Outros livros mudam de nome.

Bassileiôn A'

O 1° livro de Samuel na LXX é chamado de 1° Reinos

Bassileiôn B'

O 2° livro de Samuel na LXX é chamado de 2° Reinos

Bassileiôn G'

O 1° livro de Reis na LXX é chamado de 3° Reinos

Bassileiôn D'

O 2° livro de Reis na LXX é chamado de 2° Reinos

**O 1° livro das Crônicas na LXX é chamado de
1° Paralipômenos;**

**O 2° livro das Crônicas na LXX é chamado de
2° Paralipômenos.**

41

A numeração dos Salmos também tem uma certa diferença. Nos Salmos 1-8, a LXX é idêntica ao Texto Massorético. Já os Salmos 9-10, no Texto Massorético correspondem, ao Salmo 9 na LXX. Os Salmos 11-146, no texto Massorético, correspondem aos Salmos 10-145 na LXX. O Salmo 147, no Texto Massorético, é correspondente aos Salmos 146-147 na LXX. Já os últimos Salmos no Texto Massorético (148-150) é correspondente e igual na LXX. O Salmo 151 possui apenas na LXX.

EDIÇÕES DA VULGATA LATINA

42

Existe uma vasta documentação de que o Latim era um idioma dominante nas regiões ocidentais do Império Romano desde muito antes dos dias de Jesus. Foram nas regiões ocidentais ao sul da Gália e na África do Norte que apareceram as primeiras traduções da Bíblia em Latim. Dentre as versões dependentes da LXX, que já citamos acima, temos versões em Árabe, Copta (A língua copta é o estágio final da antiga língua egípcia, escrita em um alfabeto derivado principalmente do Grego, em vez de hieróglifos), Armênio, e, claro, a Vetus Latina.

A Vetus Latina, também conhecida como “**Latim Antigo**”, surgiu no final do século I. Com a pregação do Cristianismo por todo o Império Romano, houve a necessidade de traduzir os escritos bíblicos para os cristãos que não liam o Grego ou o Hebraico.

Já fica claro aqui que o termo “Vulgata” surgiu posterior, e a versão em Latim antigo era uma tradução da Septuaginta. Manuscritos completos do texto em Latim antigo não subsistiram, por isso o nome que Edson Francisco adota para a Vetus Latina dependente da LXX está correto.

ENTÃO JERÔNIMO NÃO TRADUZIU A VETUS LATINA?

Então, vamos embarcar nessa?

Quando falamos da Bíblia latina, empregamos, muitas vezes, de forma imprecisa, termos como «Vulgata» e «versão de São Jerônimo»; na verdade, são termos que, se os quisermos empregar com precisão, levantam alguns problemas, porque a Vetus Latina é mais antiga, em data, que São Jerônimo.

O ponto predominante que você deverá entender é que, contrariamente ao que por vezes se pensa, Jerônimo não traduziu a Bíblia para Latim a partir do zero, nem traduziu

nenhum manuscrito nos séculos 2 e 3 (!), mas corrigiu uma tradução já existente, a que se dá o nome de «Vetus Latina», para a distinguirmos da Vulgata (e note-se que o próprio termo Vulgata, aplicado à Bíblia revista por Jerônimo, não vem da Antiguidade; vem do Concílio de Trento, no século XVI; na Antiguidade, o termo «editio uulgata» referia-se 43 ao Antigo Testamento latino traduzido a partir da versão grega, a Septuaginta).

Na prática, não sabemos quem foi o responsável (ou responsáveis, se teve mais tradutores) pela tradução «Vetus Latina». Há muitas teorias sobre isso.

O que eu estou convencido é que os primeiros pensadores cristãos de língua latina (nos séculos II e III) estavam ainda inseridos num mundo marcado pelo bilinguismo cultural Grego/Latim. Os textos do Novo Testamento que eles liam estavam em Grego; era normal que o Novo Testamento fosse escrito em Grego, em vez de Hebraico ou Aramaico, que alcançaria um número menor de leitores, e quando precisavam de citá-los em Latim, muitos deles faziam as suas próprias traduções «na hora». Terá sido o caso, certamente, de Tertuliano, em cujas citações do texto bíblico em Latim raramente há coerência: basta dizer que ele tanto era capaz de citar o início do Evangelho de João como «in prīncipiō erat uerbum» ou «ā primordiō erat uerbum».

Podemos falar da existência da tradução «Vetus Latina» a partir do momento em que notamos uma certa uniformidade nas citações feitas por pensadores cristãos de língua latina, de passagens da Bíblia em Latim. Esta situação nota-se nos escritos de Cipriano, mártir e bispo de Cartago, no século III.

Jerônimo empreendeu a sua revisão da Bíblia em finais do século IV. Dedicou-se à revisão dos Evangelhos na década de 80 desse século. Uma mudança de paradigma importante trazida por Jerônimo foi a ordem em que lemos os Evangelhos. A ordem da

«Vetus Latina» era Mateus-João-Lucas-Marcos. Outras mudanças têm a ver com o texto propriamente dito – onde temos, no caso do Pai-Nosso no Evangelho de Mateus, uma mudança que seria significativa, se soubéssemos o que significa.

44 Como foi, sobretudo, no Evangelho de Mateus que Jerônimo focou o seu trabalho de revisão, notamos que, nos Evangelhos de Lucas e de João, temos na Vulgata um texto muito mais parecido com a «Vetus Latina», do que é o caso em Mateus e Marcos. O que se terá passado? A energia daquele grande homem terá esmorecido? Ficou cansado do trabalho? Certo é que, na Vulgata de Jerônimo, a alteração feita no Pai-Nosso em Mateus não foi feita no Pai-Nosso em Lucas. Mas breve lá iremos.

Antes disso, ofereçamos apenas mais esta informação sobre o termo «Vulgata». Já referi que foi só a partir do Concílio de Trento que o termo passou a ser aplicado à Bíblia revista por Jerônimo. No final desse mesmo século XVI, saiu em Roma, em 1590, aquilo a que se chama «Vulgata Sistina», publicação empreendida sob os auspícios do papa Sisto V. O papa morreu nesse mesmo ano e a «Vulgata Sistina» foi retirada de circulação (alegadamente devido ao número elevado de gralhas), tendo sido substituída, em 1592, pela Vulgata Clementina, publicada no pontificado de Clemente VIII (de triste memória para muitos de nós, por ter sido sob este papa que Giordano Bruno foi queimado em praça pública).

No capítulo 4 trataremos mais sobre os manuscritos da Vetus Latina.

Παῦλος ἀπόστολος οὐκ ἀπ' ἀνθρώπων,
οὐδὲ δι' ἀνθρώπου, ἀλλὰ διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ, καὶ θε-
οῦ πατρὸς τοῦ ἐχέραντος αὐτὸν ἐκ νεκρῶν,
Paulus apostolus non ab hominibus neque per hominem
sed per Iesum Christum et Deum patrem qui suscitavit
eum a mortuis

CAPÍTULO 4

Síntese dos manuscritos do Texto Massorético

De forma sucinta, o **Texto Massorético** é uma família de manuscritos com o texto **Hebraico da Bíblia**, utilizado como a versão padrão da **Tanakh**. Ele também é usado como fonte de tradução para o Antigo Testamento da Bíblia cristã. Já vimos um capítulo quase inteiro sobre a Versão dos LXX, que fora traduzida do **Texto Massorético** inicialmente pelos protestantes e, modernamente, também por tradutores católicos.

O que sabemos até agora, citado por eruditos, é que o Texto Massorético foi preservado pelos massoretas em meados do século VI.

A quem estão ligados eles? Os massoretas eram um grupo de escribas judeus renomados que tinham como objetivo preservar fielmente os textos que eles consideravam ser divinamente inspirados. Esse texto foi usado para compor a Bíblia Hebraica e posteriormente como fonte de tradução para outros idiomas, inclusive para o Português.

Portanto, todas as edições impressas da Bíblia Hebraica tiveram como base este texto Massorético.

ROLOS DE PAPIROS

A tecnologia da informação avançou em seus recursos que visam guardar conhecimento, cultura e experiências. Assim sendo, antes da invenção do papel, na época bíblica, os escritores utilizavam rolos de papiro para escrever e registrar a Palavra do Deus de Abraão, Isaque e Jacó.

Sucintamente, o papiro era uma espécie de planta aquática que a ciência dava o nome de “**Cyperus papyrus**”, da família das ciperáceas. Planta comum nas margens de rios da África, veja que esta planta foi diferenciada para processo de escrita no Antigo Egito; era entrelaçada para confecção de folhas para escrever.

Desta forma, o que tenho ouvido de pessoas da área é que suas folhas são longas e fibrosas, até certo ponto, um pouco semelhantes às folhas de cana-de-açúcar. Já seus caules

são triangulares, flexíveis e fibrosos. Ademais, após ser tirado, trabalhado e preparado, estava pronto para escrita. A tinta era feita de fuligem, goma e água (Veja 2 Co 3.3) e a “caneta” era uma pequena cana utilizada no passado.

Conforme as Escrituras:

47

“Tenho muito mais a lhes dizer, mas não quero fazê-lo com papel e tinta, pois espero visitá-los em breve e conversar com vocês pessoalmente. Então nossa alegria será completa.” (2 João 12 [NVT]).

Com certeza esse material citado é papiro. Hoje, o Novo Testamento tem 127 papiros catalogados e colocados na Nestle-Aland 28.

CÓDICES

Como era de se esperar, o termo vem do Latim “**codex**”, e no sentido restrito indicava uma tábua que era coberta de cera; então, existia um ponteiro de ferro com nome latino de **stills**, que servia para escrita – este é o sentido primário.

Sendo objetivo e direto ao ponto, os códices eram a saída, o “abandono” dos rolos. Aquelas “folhas” coladas uma a outra também poderiam ser entendidas como os primeiros cadernos. Apesar do sistema tecnológico dos cadernos atuais ser um pouco diferente, contudo, o princípio é o mesmo.

Os códices não têm necessariamente ligação única com os pergaminhos, já que existiam pergaminhos em rolos e papiros em rolos. Papiros é, de certa forma, comum. Nos códices, na verdade, eram colocadas folhas sobre as outras e “grampeadas” a um lado, formando uma. De maneira análoga aos cadernos, dependendo da quantidade de folhas, trariam um pouco de incômodo o seu transporte e o uso geral.

Você sabe quais os códices existem hoje? Não podemos falar de códices sem citar o “**TRIO DE FERRO**” dos códices. Isto é, o Codex Vaticanus, anotado pela SBU (Sociedades Bíblicas Unidas) como um dos mais antigos manuscritos existentes da Bíblia Grega (Antigo e Novo Testamento) e um dos quatro grandes códices unciais (falaremos do termo à frente).

Por que o nome “Vaticanus”?

O fato de estar guardado na Biblioteca do Vaticano, pelo menos desde o século XV, seria motivo.

Existem muitos manuscritos hebraicos do Texto Massorético, contudo, resumiremos todos em apenas os dois principais:

CÓDICE DE ALEPO, ALEPENSIS, COROA DE ALEPO

De acordo com eruditos, o Códice de Aleppo é um manuscrito encadernado da Bíblia Hebraica, transcrito por um copista experiente por nome de Shlomo ben Boya’a, editado no estilo tiberiano bíblico (devo destacar aqui que seria mais ou menos vocalização, sotaque e notas massoréticas) pelo chefe dos professores, ‘Ahărôn ben Mōšeh ben’ Āšēr.

Alguns rabinos o têm considerado a principal referência para a compilação de novas edições autorizadas de textos bíblicos na cultura judaica. É tanto que existe uma edição da Bíblia Hebraica baseada nele, que veremos em outros capítulos.

Citado por rabinos, observaremos que a comunidade caraíta de Jerusalém comprou o códice de Israel ben Simha de Basra, em algum momento entre 1040–1051. Esteve sob os cuidados dos irmãos Hizkiyahu e Joshya, líderes religiosos caraítas, que eventualmente se mudaram para Fostat em 1050.

O códice, no entanto, permaneceu em Jerusalém até a última parte daquele século.

Um dado importante aconteceu que após, o Cerco de Jerusalém (1099) durante a Primeira Cruzada (foram uma espécie expedições militares e religiosas organizadas entre 1095 e 1291 pelas potências cristãs europeias. O objetivo declarado era combater a aceleração islâmica na chamada Terra Santa, reconquistando Jerusalém e outros lugares por onde Jesus teria passado em vida), a sinagoga foi saqueada e o **49** Códice foi transferido para o Egito, onde, de acordo com Emanuel Tov, os judeus pagaram um alto preço por seu resgate.

Os documentos foram transportados para o Egito através de uma caravana conduzida e financiada pelo proeminente oficial alexandrino Abu'l-Fadl Sahl b. Yūsha 'Sha'yā, que estava em Ascalon para seu casamento no início de 1100.

Outro ponto que devo destacar com referência ao Codex Alepo foi que a comunidade de Aleppo guardou zelosamente o códice por cerca de 600 anos; alguns não concordam com essa data, mas a mantereí aqui.

Ele foi mantido, juntamente com três outros manuscritos bíblicos, em um armário especial (mais tarde, um cofre de ferro), numa capela subterrânea da Sinagoga Central de Aleppo.

Citado pelo rabino Bem Asher Ravid, diz que a comunidade recebeu consultas de judeus de todo o mundo, que pediram que fossem verificados vários detalhes textuais.

Devido a não aceitação árabe do Estado judeu, sendo criada, em 1947, a sinagoga de Aleppo foi destruída pelos ataques aos judeus desse lugar. Atualmente, o Códice de Aleppo encontra-se na Biblioteca Nacional do Museu de Israel, em Jerusalém.

CÓDICE DE LENINGRADO – B19A

Edsom Francisco, em seu Manual da Bíblia Hebraica, explica que o Códice de Leningrado, também conhecido como Codex Leningradensis e catalogado com a sigla “Firkovich B 19”, é um dos manuscritos mais antigos e completos do texto massorético da Bíblia Hebraica¹². Foi escrito em pergaminho e datado de 1008 d.C. **51**

Muitos estudiosos da Crítica Textual e da tradição manuscrita têm dito que ele é a cópia completa mais antiga das Escrituras hebraicas do mundo.

Observamos, também, que nesse manuscrito Massorético a ordem dos livros segue a tradição textual conhecida no judaísmo como Tiberiana (Sefardita), que combina também a tradição mais antiga de manuscritos bíblicos. A ordem de marcações para os livros difere da maioria de Bíblias hebraicas impressas para os livros do Ketuvim judaico.

Na Idade Média, alguns manuscritos eram adquiridos por pessoas que compravam e é citado em vários lugares que seu proprietário anterior, o coletor Abraham Firkovich, não deixou nenhum indício em seus escritos sobre como adquiriu o Códice, por volta de 1838. Algum tempo depois, em 1863, foi transferido para a Biblioteca Nacional da Rússia, em São Petersburgo. Por volta de 1917, foi rebatizado de Codex Leningradensis, mesmo nome da cidade onde fica a biblioteca que o abriga.

Atualmente, o Códice de Leningrado é o mais importante texto Hebraico reproduzido na Rudolf Kittel’s Biblia Hebraica (BHK, 1937), e na Bíblia Hebraica Stuttgartensia (BHS, 1977). De acordo com Emanuel Tov, ele serve também como uma fonte para que eruditos trabalhem na recuperação de detalhes nas partes faltantes do Codex de Aleppo.

Sendo assim, fica fácil em decidir que os mais importantes manuscritos hebraicos do Texto Massorético são os Códice de Aleppo e de Leningrado.

המחבר: א. אהרן, אגף ראשית, משרד החקלאות, תל אביב. תאריך: 1954. מס' הדפוס: 100. מס' המכירה: 100. מס' הדפוס: 100. מס' המכירה: 100.

מטעמים ב' וד' על וד' חל המעשרים
ויטעמם כמחצית מלואם : 10

דרכך בשווי צא עגמך
חבשו לקראתנו הוא
וכל עמו למלחמה
אדנעי ויאמר יחזקאל
אלהינו א אתו כי בידך
נתת אתו ואת כל עמו
ואת ארצו ועשית לו
כאשר עשית לסיחומך
האמר אשרושב
בחשבון יתן יתנו אליו
בדנו גם את עגמך
חבשו ואת כל עמו ונסח
עד בתי השאור
שריד ונלכד את עג
בעת ההוא לא היה לו
קרוח אשר לא יקחנו
מאתם ששים עשר
חבל ארבע ממלכת עוג
בבשו בלא לה ערוס
בערות חומה גבהה
ולתים וברוח לבד מער
הפלו חרבה מאד ועמם
אותם כאשר עשינו
לסיחומך שבו וחזרם
כל עיר מתם הנשים וחסן
וכל בהמה ושלל שר
בוני לנו ונקח בעתה

את דורו ואמץ את לבו
למען תת ביד כיוס סוה
ויאמרו חזקאלו
ראה החלתי תת לפניך את
טיוח ואת ארץ צוח חדרש
לדשת את ארצו וינאץ
סיחו לקח אתנו חוא וכל
עמו למחמה וידעה
ויתננו ויחזק ארצו לפעם
ונראתו ואתבנו ואתבנו
עמו וכלב אתבנו
בעת ההוא ונחרס אתבנו
עיר מתס ודגש יס וחסר
לאח שארע שדור רק
חבתמה בוונו לנו ושל
דעיס אשר רכדנו
מעק עד אשר עד שפ
נחלארנו וחסר יס
אשר בנח עדה גלעד
לא חותק קריה אשר
שגבר ממנו את חבדנו
החוס ארצו לפעם רק
אלא ארץ בנעמו לא
קרבתי בנח יס
עיר חדרובי אשר
חזה ארצו ונפוננו

מכפתור השמים וישבו
תחתם קומים ועובדי
אתה חל ארנו ראה נתנו
בירך את סיוח מלך
השבח האמרי ואת
ארצו חלך שוהתעבך
מלחמה הוססוה אחר
תתפחדו וראתו על פני
העמים תחת כל השמים
אשר ישמעו שמעך
ורגוזו חל מפניך ואשר
מלאכס ממדבר קדמות
אל סיוח מלך שבו ודבי
שלוס לאמר אעבדך
כארצבך בדרך ארץ
לא אסור מין ושמאל
אבי בבסקת שברני
ואביתו מם בבסקתו
ליושתי תירק אעבדך
ברגל כאשר עשיתי
עשוי שבים בשעיר
וחמואים הישבים בער
עד אשר אעבד את הוה
ארה צרף אשר הוה
אלהינו נתנו לך לא אבה
סיוח מלך שבו וחס
טובת קשור יהוה אלהיך

CÓDICE DE LENINGRADO

המחבר מודה כי המחקר נעשה באמצעות שיטות מחקר מסורתיות, אך הוא מאמין כי שיטות אלו מספקות תובנות חשובות על התופה המחקרת.

1. 2019年12月31日，公司应收账款账面余额为1,000,000.00元，坏账准备余额为100,000.00元。

SÍNTESE DOS MANUSCRITOS DO NOVO TESTAMENTO GREGO

Há cerca de quatrocentas mil variantes entre os manuscritos catalogados (para um total de aproximadamente cento e quarenta mil palavras de texto).

Muitas dessas variantes (cerca de oitenta por cento) são **53** simples questões de grafia (tipo um móvel). Especialistas em Crítica Textual opinam que as variações restantes (vinte por cento), cerca de quinze por cento não fazem qualquer diferença na tradução. Refiro-me a trocas de letras ou a substantivos que não mudam o sentido geral da ideia, etc.

Dos cinco por cento restantes, apenas uma quinta parte (um por cento do total) tem significância exegética. Então, na prática, temos noventa e nove por cento de credibilidade no nosso texto.

Existe um total de quatro mil variantes com significância exegética. O NT que usamos, selecionou mil e quatrocentas variantes mais significativas. As informações são trazidas no aparato crítico (parte inferior do NT que traz a composição dos manuscritos que defendem tais variantes).

Há a informação de que noventa e cinco por cento do texto do NT é totalmente original. A confiabilidade dessa informação deve-se ao fato de ser muito antiga.

PALIMPSESTOS

Ligada diretamente ao capítulo 3 (**Pergaminhos**), os manuscritos palimpsestos são aqueles pergaminhos que passaram por um determinado processo, após lavados e raspados, para apagar o texto primitivo; são reutilizados para outro texto. Em nossos dias, dificilmente alguém teria como “**raspar**” a tinta da folha para imprimir novamente; ninguém faz isso. Por quê? Abundância de papel.

Todavia, na época das cópias, já debes saber que o pergaminho sempre foi caro e escasso, não tinha tanta ovelha disponível para fabricar material de escrita, haja vista que o couro de uma ovelha ou de uma cabra era beneficiado e aparado para formar uma grande folha de escrever.

54 Existem manuscritos gregos em palimpsesto? Sim, vários catalogados pela SBU — Sociedade Bíblicas Unidas. Destaque para o códice Efraimita, conhecido pela sigla C 04 e descoberto no século IX.

VARIANTES

O estudante da Bíblia em Português sempre se depara com a construção: **“não se encontra nos manuscritos mais antigos”**. O tradutor, com certeza, se refere a uma variante textual, isto é, existem em uns manuscritos e em outros não. É justamente o que simplificaremos para os nossos leitores: selecionaremos as principais.

Sucintamente, as variantes são os “erros” que existem nos manuscritos. Há cerca de quatrocentas mil variantes (esses cálculos são estimados) entre os manuscritos catalogados (para um total de cerca de cento e quarenta mil palavras de texto).

Aproximadamente oitenta por cento dessas variantes são simples questões de grafia. Especialistas em Crítica Textual discorrem que vinte por cento das variantes restantes, cerca de quinze por cento não fazem nenhuma diferença na tradução. Refiro-me a trocas de letras ou a substantivos que não mudam o sentido geral da ideia, etc. As variantes não invalidam a inerrância? A Sagrada Escritura do Eterno tem inspiração divina, plenária e verbal; agora, as cópias, ou o processo de cópias, são humanas, logo, trabalhos que envolvem humanos estão sujeitos a falhas

PERGAMINHOS

Essencialmente, é material feito principalmente de pele de ovinos (ovelhas e carneiros). Em Latim, Plínio, o Velho (23-79 d.C.) foi um historiador, naturalista e oficial romano. Os historiadores o chamam de “o apóstolo da ciência romana”. A criação do pergaminho foi uma espécie de disputa com o Egito 55 por não liberarem o papiro para escrita dos documentos em Pérgamo, ou seja, a dificuldade fomenta, na ciência, a criação de novas tecnologias.

Vale ressaltar que a partir do século IV d.C., o pergaminho, como material de escrita, veio superar o papiro, e claro, uma maioria esmagadora de manuscritos da Bíblia foram produzidos em pergaminho, isso é, pele de animal que aumentava a durabilidade, e tratando-se de registro de informação, essa vantagem permitia conservação delas.

CÓDICES

CONSULTAR O TEMA COMPLETO NA INTRODUÇÃO

Sendo objetivo e direto ao ponto, os códices eram a saída, o “abandono” dos rolos. Aquelas “folhas” coladas uma a outra também poderiam ser entendidas como os primeiros cadernos. Apesar do sistema tecnológico dos cadernos atuais ser um pouco diferente, contudo, o princípio é o mesmo.

Você sabe quais os códices existem hoje? Não podemos falar de códices sem citar o “trio de ferro” dos códices. Isto é, o Codex Vaticanus, anotado pela SBU (Sociedades Bíblicas Unidas) como um dos mais antigos manuscritos existentes da Bíblia Grega (Antigo e Novo Testamento) e um dos quatro grandes códices unciais (falaremos do termo à frente). Por que o nome “Vaticanus”? O fato de estar guardado na Biblioteca do Vaticano, pelo menos desde o século XV, seria motivo.

AS TRADUÇÕES DA BÍBLIA

Os manuscritos gregos são divididos pela SBU em papiro, UNCIAIS E minúsculos. Tem ainda os Lecionários, versões antigas e Pais da Igreja

Sobre as “unciais”, temos citações históricas que começaram a ser escritos a partir do século III e utilizados até o século XI.

56 Existem cerca de 320 unciais.

Quanto aos manuscritos Sinaiticus, Alexandrinus e Vaticanus, procurar a seção dos manuscritos do texto Massorético que já comentei.

AQUI ESTÃO ALGUNS PAPIROS DO TEXTO GREGO DO NOVO TESTAMENTO:

PAPIRO 1 (250 D.C.):

Contém Mateus 1 e está na Universidade da Pennsylvania.

PAPIRO 2 (550 D.C.):

Contém João 12 e está no Museu Arqueológico de Florença.

PAPIRO 3 (600 D.C.):

Contém Lucas 7,10 e está na Biblioteca na Áustria.

PAPIRO 4 (175-250 D.C.):

Contém Lucas 1-6 e está na Biblioteca na França.

PAPIRO 5 (250 D.C.):

Contém João 1,16,20 e está na British Library.

AQUI ESTÃO ALGUNS UNCIAS
CODEX DO TEXTO GREGO DO NOVO
TESTAMENTO:

CODEX EPHRAEMI RESCRIPTUS (SÉCULO V):

Contém partes do Novo Testamento e está na Biblioteca Nacional da França.

57

CODEX BEZAE CANTABRIGIENSIS (SÉCULO V):

Contém os Evangelhos e Atos, e está na Universidade de Cambridge.

CODEX CLAROMONTANUS (SÉCULO VI):

Contém as Epístolas paulinas e está na Biblioteca Nacional da França.

Esse método fora elaborado definitivamente a partir de 1908, pelo erudito C. R. Gregory, que classificou os unciais, conforme o descrito acima, e os cursivos ou minúsculos por numerais em algarismo arábicos. Já os manuscritos em papiros são representados pela letra “P”.

**CURSIVA — A TRADICIONAL LETRA QUE
DEU ORIGEM À MINÚSCULA.**

Evidentemente que o termo “cursivo” e “minúsculo” às vezes se misturam e parecem ser a mesma coisa, contudo, concordo com o Dr. Waldir Carvalho Luz, emérito professor de Letras Clássicas da UNICAMP — Universidade Estadual de Campinas, e o linguista Wilson Parocchi, em entenderem ser melhor desvincular o termo. Nesse sentido, a forma de escrita cursiva é para diferenciar da uncial; o termo “cursivo” se dá pelo fato de as letras serem ligadas

umas as outras, só com detalhe do ambiente popular, dia a dia e ambiente familiar.

58 Historiadores e os programas de Letras Clássicas discorrem que a partir do século IX, começou a tradicional reforma nos estilos de escritas. Assim sendo, a partir desse modelo de letra menor, isto é, a cursiva (que até então era utilizada em ambiente informal) passou a ser utilizada em livros. Inclusive nos textos bíblicos, temos o termo **“escrita minúscula”** mais formal para utilização em livros, e a escrita cursiva para utilização informal; percebeu a diferença?

Atualmente, quantos manuscritos minúsculos temos da Bíblia?

Pelo catálogo da SBU, temos mais 2.800. O leitor dever perceber por dedução que considerando seu uso formal em livros a partir do século IX, então a maioria de minúsculo só poderia ser mesmo em pergaminho. Em resumo, acredito que não poderia deixar de citar a tradicional M33, sigla para minúsculo 33, chamado o **“rei dos minúsculos”**.

SÍNTESE DOS MANUSCRITOS DA VETUS LATINA

Para outras informações dos manuscritos da Vetus Latina e Vulgata Latina, consultar o capítulo 3, com as edições da Vulgata Latina.

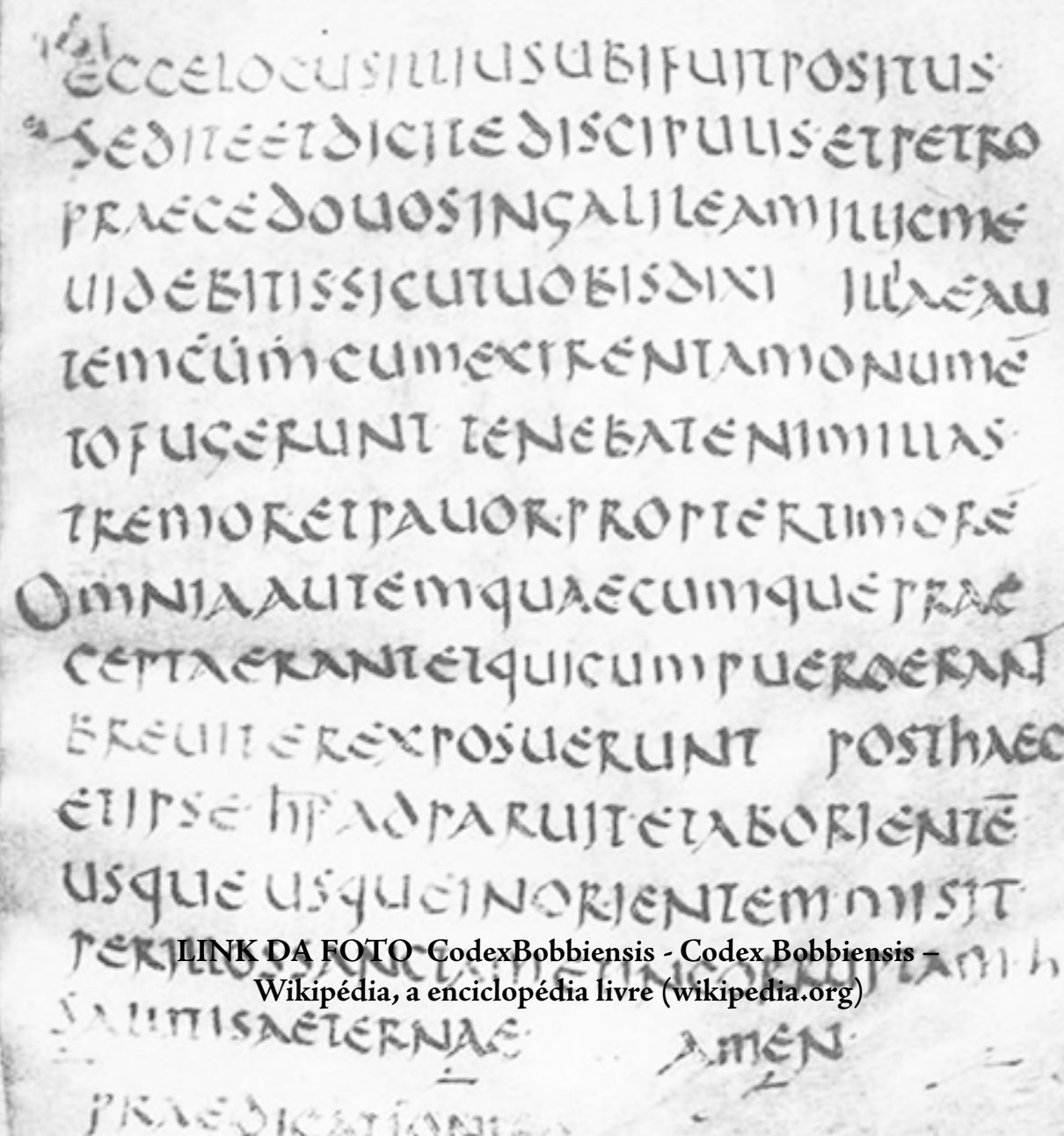
Edsom Francisco, em seu Manual da Bíblia Hebraica, na página 514, lista uma relação de 14 manuscritos da Vetus Latina em ordem de escrita. Destacarei alguns abaixo, com base nas pesquisas na época do estudo do Latim. Os textos da Vetus Latina chegaram até nosso tempo através de vários códices, e os mais conhecidos são:

CAPÍTULO 4

CODEX BOBBIENSIS (K) - SÉC. IV

Citado até em tradição textual latina, observamos que ele é um manuscrito africano em unciais. Contém fragmentos dos Evangelhos de Marcos e Mateus.

CÓDICE LATINO - Marcos 16.1-7



LINK DA FOTO - Codex Bobbiensis - Codex Bobbiensis -
Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org)

CODEX VERCELLENSIS (A) - SÉC. IV

60 Manuscrito latino em unciais. Contém todos os quatro Evangelhos. O Codex Vercellensis foi escrito na ordem usual da Igreja Ocidental – Mateus, João, Lucas e Marcos, mas não contém mais os últimos doze versículos do Evangelho de Marcos. A tradição diz que foi escrito sob a direção do bispo Eusébio de Vercelli.

CODEX BEZAE (Q) - SÉC. V

É um manuscrito bilíngue, com o Grego no verso e o Latim na frente. Contém os quatro Evangelhos, Atos e 3 João 12.

CODEX MONACENSIS 13 (Q) - SÉC. VI-VII

Texto em unciais. Contém os quatro Evangelhos.

CODEX VINDOBONENSIS (S) - SÉC. VI.

Texto em meio uncial.

CÓDEX LYON B. MUN. 403 - Copiado por volta do final do século VI.

EXEMPLO DE CRÍTICA TEXTUAL NAS VULGATAS LATINAS SOBRE O PAI-NOSSO NA TRADIÇÃO CLÁSSICA

«Pai Nosso, que estás nos céus, santificado seja o Teu nome. Cheguei ao Teu reino; seja feita a Tua vontade...»

Certamente notaram algo de estranho. Aqueles de nós que oramos [rezamos para católicos] o «Pai-Nosso», não dizemos «cheguei ao Teu reino». Dizemos «venha a nós o Teu reino» (em Latim, «adueniat [também «ueniat», dependendo dos manuscritos] regnum tuum»).

No entanto, a forma mais antiga da frase em Latim é, por incrível que pareça, «uēnī ad regnum tuum». Encontra-se no primeiro manuscrito latino (que conheçamos) a transmitir textos dos Evangelhos: o Codex Bobiensis, do século IV (atualmente em Turim).

O copista estaria distraído? Ou teria regado o almoço com 61 muito vinho? Certo é que ninguém lhe deu (ou dá) qualquer crédito, porque a formulação «cheguei ao Teu reino» é por todos os especialistas considerada um lapso.

O texto grego correspondente («chegue <agora> o teu reino», com o imperativo aoristo de 3.^a pessoa ἐλθέτω) é estável na transmissão manuscrita grega.

Sendo decerto implausível que Jesus nos tenha ensinado a ORAR [rezar] a Deus, dizendo «cheguei ao Teu reino», a ideia em si mesma não é inconcebível, se a tomarmos em acepção mística: há muitos anos li algures que Santa Clara, quando orava [rezava], nunca passava das primeiras palavras «Pater noster», porque entrava logo em êxtase devido à PROFUNDIDADE cósmica que é um ser humano poder tratar Deus por Pai.

Eu diria ainda que quem escuta o «Benedictus» da Missa Solene de Beethoven, consegue entender bem o que a pena do copista do Codex Bobiensis o levou a escrever: «cheguei ao Teu reino». É, de fato, música que nos transporta misticamente e espiritualmente para o reino de Deus.

Quem sabe o que terá passado pela cabeça daquele homem que escreveu em Latim o primeiro Pai-Nosso que conhecemos? Vamos, agora, dedicar um pouco de atenção ao estudo desta oração fundamental na vida de tantas pessoas.

Indo ao caso do Pai-Nosso de Mateus (6.9-13): há pequenas diferenças entre o que lemos na Nova Vulgata e na Vulgata Stuttgartensia. Separo as duas versões por « / », dando primeiro o texto da Vulgata Stuttgartensia:

«Pater noster quī in caelīs es / Pater noster, quī es in caelīs
 sanctificētur nōmen tuum / [igual]
 ueniat regnum tuum / adueniat regnum tuum,
 fiat uoluntās tua sicut in caelō et in terrā / [igual]
 pānem nostrum supersubstantiālem dā nōbīs hodiē / [igual]
 et dimitte nōbīs dēbita nostra / [igual]
 sicut et nōs dimīsimus dēbitōribus nostrīs / sicut et nōs dimittimus
 dēbitōribus nostrīs et nē inducās nōs in temptātiōnem / et nē
 inducās nōs in tentātiōnem sed liberā nōs ā malō /
 sed liberā nōs ā Malō»

A diferença mais expressiva é, de longe, na antepenúltima linha, «dimīsimus» (= «perdoamos», perfeito) por «dimittimus» (= «perdoamos», presente). Esta oscilação segue o que verificamos nos manuscritos gregos, onde há oscilação entre presente e aoristo (tempo equivalente ao perfeito latino).

Devemos pedir a Deus: «perdoa as nossas dívidas tais como nós perdoamos aos nossos devedores», ou «perdoa as nossas dívidas tal como nós PERDOAMOS aos nossos devedores»? O perfeito faz sentido, na medida em que mostrámos já a Deus o bom exemplo de sermos capazes de perdoar aos outros, antes de Lhe pedirmos que nos perdoe a nós. No entanto, não é a opção escolhida no meio eclesiástico, ainda que seja justamente o que lemos no Codex Sinaiticus e no Codex Vaticanus gregos, do século IV.

A grande diferença introduzida por Jerônimo no texto do «Pai-Nosso» de Mateus foi «pānem nostrum supersubstantiālem», em vez do que se lê na Vetus Latina, que é «pānem nostrum cotīdiānum». A forma «supersubstantiālem» procura reproduzir em Latim o enigmático «epiousion» (ἐπιούσιον) do texto grego, que ninguém sabe ao certo o que significa. Talvez signifique «crástico» (isto é, o pão de amanhã). Mas seria imprudente pôr as mãos no fogo.

Curiosamente, embora Jerônimo não tenha gostado de «cotidiānum» em Mateus, deixou a palavra intacta no Pai-Nosso de Lucas (no qual, em Grego, coloca-se de novo a questão se devemos ler «perdoamos» ou «perdoámos», embora seja preciso sublinhar que, no caso de Lucas, os manuscritos mais antigos apoiam «perdoamos», ao contrário do que se verifica no texto de Mateus).

A deseducação em matéria religiosa no nosso país leva, de fato, muitas pessoas a supor que o Pai-Nosso, que dizem na missa corresponde às palavras estabelecidas por Jesus nos dois evangelhos em que nos diz para oramos [ou rezarmos, para o católico], está ausente de Marcos e de João. A verdade é que, por muitas Vulgatas que tenhamos ao nosso dispor para estudo e consulta, estamos longe de saber o que são, exatamente, essas palavras.

Παῦλος ἀπόστολος οὐκ ἀπ' ἀνθρώπου,
οὐδὲ δι' ἀνθρώπου, ἀλλὰ διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ, καὶ θε-
οῦ πατρὸς τοῦ ἐχέραντος αὐτὸν ἐκ νεκρῶν,
Paulus apostolus non ab hominibus neque per hominen-
sed per Iesum Christum et Deum patrem qui suscitavit
eum a mortuis

CAPÍTULO 5

Edições impressas da Bíblia em hebraico

A era do texto escrito à mão, apógrafos, rascunhos, palimpsestos e outras coisas arcaicas ficaria para trás com o advento da imprensa. Claro, hoje o sistema gráfico é bem mais avançado, contudo, para uma época que era escrito à mão, agora tendo um impresso, mais básica que seja, bem melhor seria.

Na obra **Johannes Gutenberg: Inventor of the Printing Press** encontramos que a invenção da imprensa por Johann Gutenberg, que leva o título do livro, revolucionou a escrita e a leitura, ainda de acordo com a obra acima, ocorreu no século XV, mais precisamente na década de 1430. Esta invenção permitiu a reprodução em massa de livros e textos, facilitando a circulação de ideias em escala mundial.

Fica muito fácil de perceber que tantos cristãos como judeus aproveitariam para fazer as impressões do Texto Massorético. Assim sendo, destaco vários tipos de edições impressas conforme resumo destaco abaixo

EDIÇÕES POLIGLOTAS E CRISTÃS

Essas edições como o nome sugere, foram edições surgidas dos séculos XVI e XVII que além do texto Massorético, é claro, continha outras línguas, tais como: latim, aramaico e grego.

EDIÇÕES RABÍNICAS

De acordo com Edson Francisco essas edições rabínicas da Bíblia Hebraica surgiram no início do século XVI e foram produzidas por judeus. Como é bem óbvio nelas continham o texto bíblico hebraico, Targum (**Os Targumim (plural de Targum)** são traduções e comentários em aramaico da Bíblia Hebraica (Tanakh) que foram escritos e compilados em Israel e na Babilônia, desde a época do Segundo Templo até o início da Idade Média) e vários comentários rabínicos medievais.

EDIÇÕES JUDAICAS

As edições Rabínicas resumidas acima já não são judaicas? As edições judaicas eram apenas o texto sem aparato, Targum e outras línguas. Diferença básica é essa. Elas também começaram parcialmente a partir de 1477.

67

EDIÇÕES CRÍTICAS MODERNAS

Essas edições críticas são aquelas que falavam mal do Texto Massorético? Até hoje muitos pensam assim. Edições críticas são edições acadêmicas com aparatos críticos e outros fundamentos que levantaram a qualidade das edições.

De acordo com o **Erudito Alexander Achilles Fischer** existem edições mais recentes, claro, também crítica e de cunho acadêmico, como a Bíblia Hebraica 3 (BHK), a Bíblia Hebraica Stuttgartensia (BHS), a Bíblia Hebraica Quinta (BHQ) e a edição da Universidade Hebraica de Jerusalém (Hebrew University Bible Project - HUBP).

Como o meu objetivo nesse simples livro é comentar e mostrar as edições que tenho em minha biblioteca particular, comentarei de forma sucinta apenas 4 edições da Bíblia Hebraica ou edição do Texto Massorético.

Caso o leitor (a) queira aprofundar no tema indico o **Manual da Bíblia Hebraica – Introdução ao Texto Massorético. Guia Introdutório para a Bíblia Hebraica Stuttgartensia.**

EDIÇÃO DE CHRISTIAN DAVID GINSBURG

Essa edição da Bíblia Hebraica foi reimpressa em inúmeras edições nos últimos quatrocentos anos e foi usado como base para o Antigo Testamento para muitas traduções da era da Reforma, como a Versão Autorizada em inglês e o **Statenvertaling** Holandês, bem como muitas versões até os dias atuais. Portanto, tem sua história.



FIGURA 1 - ORIGINAL LANGUAGE HEBREW/GREEK

Na própria introdução da obra **Preface to the Bomberg/Ginsburg Hebrew Old Testament** (Prefácio para o Antigo Testamento Hebraico de Bomberg/Ginsburg) mostra que essa edição propriamente dita teria uma participação de Bomberg/Ginsburg, contudo, além desses dois serem importantes para essa edição da Bíblia Hebraica temos Jacob ben Chayim.

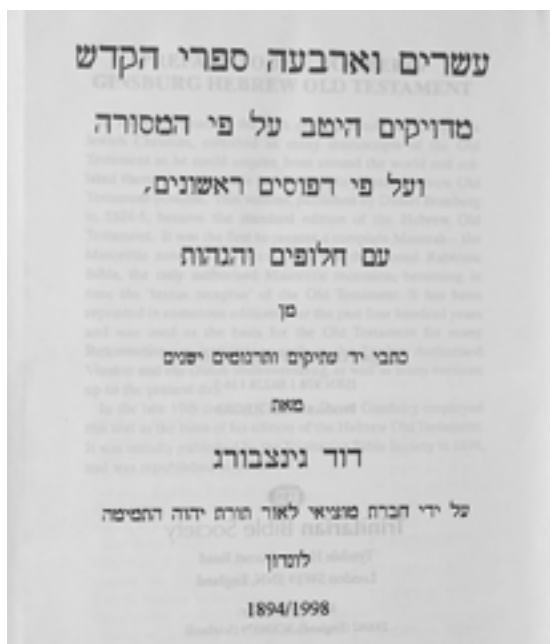
Jacob Ben Hayyim Ibn Adonijah, também conhecido como Jacob ben Chayyim (c. 1470 – antes de 1538), foi um estudioso das notas textuais masoréticas na Bíblia Hebraica, exegeta e impressor. Nos primeiros anos do século XVI foi ele, que passou a ser um cristão judeu, colecionou tantos manuscritos do Antigo Testamento quantos pôde adquirir em todo o mundo e comparou-os para produzir o Antigo Testamento hebraico impresso mais completo possível.

Outro nome importante que você já leu na introdução foi Daniel Bomberg (c. 1483 – c. 1549) foi um dos mais importantes impressores de livros hebraicos no início da história da impressão. Ele era um hebraísta cristão que empregava rabinos, estudiosos em sua editora em Veneza.

Este volume, como impressor da época, Daniel Bomberg **69** publicou a edição de Ben Hayyim em 1524-5, tornou-se a edição padrão do Antigo Testamento hebraico. Foi a primeira a apresentar uma Massorá completa - as notas massoréticas sobre o texto - e foi a segunda Bíblia rabínica, a única recensão massorética autorizada, tornando-se com o tempo o **'textus receptus'** do Antigo Testamento.

E aconteceu que no final do século 19, Christian David Ginsburg empregou este texto como base para sua edição do Antigo Testamento hebraico. Foi publicado inicialmente pela Sociedade Bíblica Trinitária em 1894 e republicado em 1998.

Por isso que na introdução temos 'Bomberg/Ginsburg' porque teve a participação editoria dos dois.



**PÁGINA DE ABERTURA DA EDIÇÃO DE
CHRISTIAN DAVID GINSBURG**

Conforme se observa acima a edição não é tão complexa. Basicamente está dívida em três partes: primeiro, o título do livro na parte superior em hebraico. Segundo, o próprio texto Massorético com os capítulos com numeração em hebraico e os versículos em algarismos árabicos ou indo-árabicos. Terceiro, um aparato mais simplificado na parte de baixo da folha, problema 71 que está em hebraico, e não, latim.

EDIÇÃO DE NORMAN HENRY SNAITH

Essa edição não é tão conhecida aqui no Brasil. Eu adquirir ela ocasionalmente de uma pessoa que não sabia seu valor, foi muito proveitoso pra mim adquirir essa valiosa edição.



**Páginas inicial da edição de Norman Henry Snaith
Sefer Tôrâ Neivî'im ûKhitûvîm Midûîiaq Hitêv'al Massorâ
O livro da Tanakh (Tôrâ Neivî'im ûKhitûvîm) cuidadosamente
correto, de acordo com Antigo Testamento Hebraico**

QUEM FOI NORMAN HENRY SNAITH?

72

De acordo com Josef Delz em sua fantástica obra “*Texttkritik und Editionstechnik*” Norman Henry Snaith (1898-1982) foi um renomado estudioso do Antigo Testamento, da Língua Hebraica e professor no Wesley College, em Leeds (Reino Unido). Ele nasceu em Chipping Norton em 21 de abril de 1898, filho e neto de ministros metodistas primitivos. Ainda de acordo com Bob Beching Snaith foi educado nas escolas North Walsham, Alnwick e Manchester Grammar, e estudou matemática no Corpus Christi College, Oxford, obtendo notório destaque.

Segundo dados históricos teria entrado para o Ministério Metodista Primitivo (O Ministério Metodista Primitivo está ligado ao Metodismo, um movimento de avivamento espiritual cristão que ocorreu na Inglaterra do século XVIII e que deu origem à Igreja Metodista em 1739) e foi ordenado em 1925. outro destaque importante vem de Josef Delz de que durante a Segunda Guerra Mundial, ele ajudou nas missões de Leeds e nos circuitos de Leeds (Headingley). Ele foi nomeado Tutor em Língua e Literatura do Antigo Testamento no Wesley College Headingley em 1936, tornou-se Diretor em 1954 e permaneceu nessa posição até sua aposentadoria em 1961.

Sua contribuição para os estudos do Antigo Testamento, da língua Hebraica foi considerável e de grande importância. Ele publicou várias obras, incluindo “*The Jewish New Year Festival*”, “*Study Notes on the Hebrew text of various Old Testament books*”, “*The Inspiration and Authority of the Bible*”, entre outros. Ele também foi membro do painel de tradução para a Nova Bíblia Inglesa, contribuindo para a tradução do livro de Gênesis.

RESUMO SOBRE SUA EDIÇÃO

Em língua portuguesa praticamente o único a relatar alguma sobre essa edição é Edsom Francisco em seu Manual da Bíblia Hebraica, e só! Essa edição acima é de 1986 e foi publicada pela **The British and Foreign Bible Society**, (A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira), conforme aparece na primeira página da 73 edição. Muitas vezes conhecida na Inglaterra e no País de Gales como simplesmente a Sociedade Bíblica.

A Sociedade foi formada em 7 de março de 1804 por um grupo de pessoas, incluindo William Wilberforce e Thomas Charles, para incentivar a “circulação e uso mais amplos” das Escrituras.

QUAIS OS MANUSCRITOS UTILIZADOS POR SNAITH?

De acordo com Edsom Francisco em seu Manual da Bíblia Hebraica ele utilizou alguns manuscritos de origem sefaradita (**Sefaradita, ou Sefardita, é um termo usado para se referir aos descendentes de judeus originários da Península Ibérica, que em hebraico é chamada de “Sefarad”**) que pertencia a Biblioteca Britânica de Londres.

Visual da edição de Norman Henry Snaitth

470 **דברים**
CAPUT I. 2

2
CAPUT I. A

אֵלֶּה הַדְּבָרִים אֲשֶׁר דִּבֶּר מֹשֶׁה אֶל-כָּל-יִשְׂרָאֵל בְּעֵת
הַזֶּה בְּמִדְבַּר בְּעֶרְבָה לִלְוֵי בֶרֶךְ אֶת-יִשְׂרָאֵל וְיִרְדְּנוּ
לִלְוֵי מַחֲזִיקֵי הַדָּבָר וְכֵן אָמַר עָמֹד יִם מְעֻבָּה וְהָיָה
שָׂמֹנִי עַד קֵץ הַיּוֹם הַזֶּה וְהָיָה אֲנִי בְּעֵצָה עִמָּךְ
וְהָיָה בְּאֵמֶת דְּבַר מֹשֶׁה אֶל-כָּל-יִשְׂרָאֵל כֹּכָב אֶת־
אֶתְרֵי וְהָיָה אִתָּךְ אֲלֵהֶם וְאַתָּה תִּהְיֶה לְמִנְיָן
אֶתְרֵי יִשְׁתַּבְּחוּ וְאֵת עֲתִידֶיךָ תִּכְלֹךְ אִשְׁתָּה בְּעֵצָתָהּ
בְּאֶרְצָהּ בְּעֵבֶר הַיַּרְדֵּן בְּאֵרֵץ מִזְרַח מִשְׁחָה בְּאֵרֶם
אֶת-הַמַּחֲזִיקִים הָאֵלֶּה לְאֹמֶר וְהָיָה אֲלֵהֶם דְּבַר אֱלֹהֵי הַדָּבָר
לֵאמֹר רַב-לֵבָב שָׂמַח בְּכֹחַ הַדָּבָר שֶׁנֶּחֱזַק וְהָיָה
כִּי תֵאמְרֶה וְאֶל-כָּל-שִׁבְעֵי מַחֲזִיקֵי הַדָּבָר וְהַשְׁפִּילָה וְהָיָה
וְהָיָה הֵם אֵרֶץ מְבֻשָּׁת וְהִלְכִיתֶן עַד-הַיַּרְדֵּן וְהָיָה
פְּרִיזָה לְאֹמֶר הַדָּבָר לְפָנֶיךָ אֶת-הַיַּרְדֵּן בְּאֵרֶץ אֶת-הַיַּרְדֵּן
אֶתְרֵי תִשְׁכַּח וְהָיָה לְאֹמֶר הַדָּבָר לְפָנֶיךָ לְעֵת
לֵבָב וְלִזְרָעֶם אֲחֵרִים וְהָיָה אֲלֵהֶם דְּבַר אֱלֹהֵי הַדָּבָר
לְאֹמֶר הַדָּבָר לְפָנֶיךָ שְׂמֵחִים אֲהֵבֶם וְהָיָה אֲלֵהֶם
וְהָיָה הֵם כְּכֹכֵב הַשָּׁמַיִם לֵבָב וְהָיָה אֲלֵהֶם דְּבַר
יִשְׁתַּבְּחוּ בָּם אֲלֵהֶם פְּעֻמִּים וְהָיָה אֲלֵהֶם דְּבַר
לֵבָב אֶתְרֵי אֶתְרֵי לְכֹחַ פְּרִיזָה וְהָיָה אֲלֵהֶם דְּבַר
קְדָשִׁים וְהָיָה אֲלֵהֶם דְּבַר אֱלֹהֵי הַדָּבָר אֶתְרֵי
לְעֵצָה וְהָיָה אֲלֵהֶם דְּבַר אֱלֹהֵי הַדָּבָר אֶתְרֵי

Do lado esquerdo temos o livro de Gênesis (Bereshit) e Deuteronômio (Devarim) ao lado direito. Temos também a sinalização dos capítulos em latim (Caput). Norman também utiliza o sistema judaico para cada parashá onde inicia com um título. Veja que nesse texto temos 1 בראשית א isso indica um início Bereshit Aleph.

75

Praticamente ele utiliza somente o texto. Não há introdução conforme destaque do Edson Francisco, não possui também aparato crítico e nenhuma anotação massorética (massorá).

EDIÇÃO DA TANAKH COMPLETA HEBRAICO E PORTUGUÊS



Foto da Moderna edição da Bíblia Hebraica da editora Sefer

Essa edição é completamente judaica. A editora Sefer é uma editora judaica. Abaixo colocarei o texto na íntegra sobre as informações iniciais dadas pela própria editora, veja:

O texto hebraico deste trabalho se baseia no Tanah publicado em 2002 pela Editora Horev, de Jerusalém, anotado pelo emérito Rabino Mordehai Breuer, que por sua vez está baseado nos manuscritos do Kéter (Códex) de Alepo (Aram-Tsobá), relacionados historicamente aos grandes mestres massoréticos e ao Maimônides, e considerados mundialmente a versão mais precisa e autêntica, bem como em versões relacionadas a eles. Estão baseadas nele: a grafia das palavras, incluindo o KERI (em letras normais) e KETIV (em letras menores e na cor cinza, entre colchetes, sendo que algumas poucas variantes aparecem nas margens em cinza); a sinalização massorética, inclusive pontos extras sobre determinadas palavras; algumas letras maiores (RABATI), menores (ZEIRÁ) ou soltas no texto, que costumam constar das edições impressas; a abertura dos parágrafos, de modo a assinalar - embora indistintamente nesta edição - as aberturas e espaços em branco do texto hebraico (Parashá Petuha e Setumá); e a divisão de certos versículos. Na Torá, a divisão em 54 porções semanais também foi incluída. Em alguns trechos muito especiais foi mantida a diagramação clássica (como a que se assemelha ao ?assentamento de tijolos?) - especialmente nos cânticos -, embora não houvesse como reproduzi-la no texto em português. Em outros, foi feita uma tentativa de destacá-los, inclusive no texto em português, embora de modo parcial e não completamente igual.

Conforme vocês leram essa edição (está baseado nos manuscritos do Kéter (Códex) de Alepo) para informações sobre esse codex consultar o capítulo 4 desse livro sobre os manuscritos do Texto Massorético.

Esse texto hebraico se baseia numa edição preparada em Israel a partir do codex Alepo. De forma sucinta informado por **77** historiadores que Nahum Ben-Zvi formou uma equipe para trabalhar na produção de uma versão impressa da Bíblia Hebraica baseada no Códice de Aleppo. O projeto seguiu os métodos de R. Mordechai Breuer e foi financiado pelo Dr. Thomas e Yvette Karger, proprietários de uma prestigiada editora em Basileia, Suíça. O objetivo era criar um Tanakh que fosse ao mesmo tempo acadêmico e aceitável para os praticantes religiosos, daí, surgiu essa edição impressa.

In No princípio, ao criar Deus os céus e a terra, ²a terra era sem forma e vazia, e havia escuridão sobre a face do abismo, e o espírito de Deus pairava sobre a face das águas. ³E Deus disse: "Haja luz!" e houve luz. ⁴E Deus viu que a luz era boa, e Deus separou entre a luz e a escuridão. ⁵E Deus chamou a luz Dia e a escuridão chamou Noite. E foi tarde e foi manhã, dia um.

* E Deus disse: "Haja um firmamento no meio das águas, e haja separação entre águas e águas!" E Deus fez o firmamento e separou entre as águas debaixo do firmamento e as águas de cima do firmamento, e assim foi. ⁸ E Deus chamou ao firmamento Cus. E foi tarde e foi manhã, segundo dia.

⁹ E Deus disse: "Juntem-se as águas debaixo dos céus em um lugar e se veja o leito seco!" e assim foi. ¹⁰ E Deus chamou ao seco "terra".

“Produza a terra relva – relva que dá semente; árvore de fruto que dá fruto de sua espécie; cuja semente esteja nele sobre a terra”, e assim foi.¹² E produziu a terra relva – relva que dá semente de sua espécie – e árvore que dá fruto, que contém sua semente, segundo sua espécie, e Deus viu que era bom.¹³ E foi tarde e foi manhã, terceiro dia.

“E Deus disse: ‘Haja luzeiros no firmamento dos céus, para separar entre o dia e a noite, e sejam sinais para os prazos, dos dias dos anos,

14 E Deus fez os dois grandes lumens: o primeiro para iluminar sobre a terra¹⁵, e assim foi

da, e o luzeiro menor para governar a noite, e as estrelas. ¹⁷ E Deus os colocou no firmamento dos céus para iluminar sobre a terra, ¹⁸ para governar de dia e de noite e para separar entre a luz e a escuridão, e Deus viu que era bom. ¹⁹ E foi tarde e foi manhã, quarto dia.

E Deus disse: "Produzam as águas repletas de alma viva e ave que voe sobre a terra, sobre a face do firmamento dos céus!"²¹ E Deus criou os grandes peixes e toda alma viva que se arrasta, que as águas produziram segundo suas espécies, e toda ave sendo criada segundo sua espécie.

מחלקת

[illegible]

ಎರಡು ಭೇದವು ಮೂಡಿದೆ: ಒಂದು ಸ್ವಭಾವದ ಭೇದವು ಮತ್ತೊಂದು ಮೂಡಿದ ಮೂಲಭೂತ ಸ್ವಭಾವದ ಸ್ವಾಭಾವಿಕತೆಯಿಂದಾಗಿ. ಈ ಭೇದವು ಸ್ವಲ್ಪ ಮಟ್ಟದ ಭೇದವು. ಮೊದಲ ಸ್ವಭಾವದ ಭೇದವು ಮೂಲಭೂತವಾಗಿರುತ್ತದೆ.

2004

[illegible]

הוא לא היה יכול להימנע מלהעלות את הנושא הזה בפני הוועדה. הוא לא היה יכול להימנע מלהעלות את הנושא הזה בפני הוועדה. הוא לא היה יכול להימנע מלהעלות את הנושא הזה בפני הוועדה.

EDIÇÕES CRÍTICAS DA BÍBLIA HEBRAICA

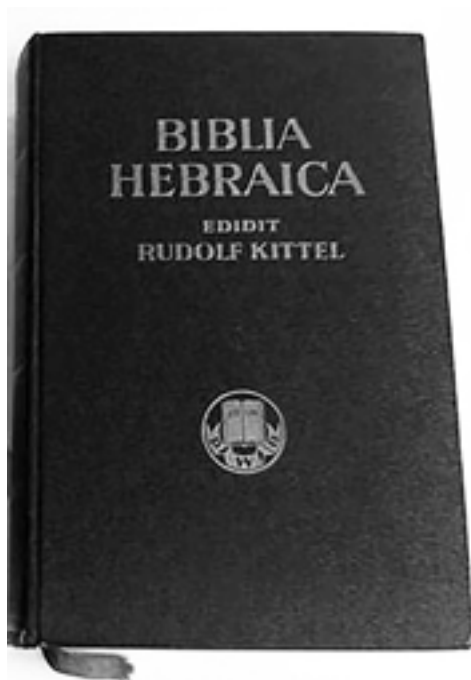
Durante o século XX a época de edição da Bíblia hebraica, pelo menos é que a maioria acha, sobe de patamar com as famosas edições críticas.

Por edição crítica da Bíblia Hebraica tanto Edsom Francisco como Alexander Achilles Fischer salientam que seria uma versão **79** que passou, foi submetido por um processo de análise e avaliação rigorosas, tendo como base alguns critérios, para determinar a autenticidade e a precisão do texto analisado em um respectivo manuscrito. Acredito que já tenho dado para perceber que isso envolve a comparação de diferentes manuscritos e versões da Bíblia para identificar variações (as chamadas variantes) e possíveis erros de tradução ou transcrição, que é absolutamente possível pela cópia a mão.

De acordo com Emanuel Tov (É citado por muitos que Emanuel Tov é um renomado estudioso da Bíblia Hebraica e linguista de origem holandesa-israelense. Ele nasceu em 15 de setembro de 1941, em Amsterdã, na Holanda. Ele também é professor emérito de estudos bíblicos na Universidade Hebraica de Jerusalém) em *A Crítica Textual da Bíblia Hebraica*, Bíblia Hebraica acadêmica e crítica mais ampla é a edição da Bíblia Hebraica iniciada por Rudolf Kittel.

De acordo com Avigdor Herzog em sua obra *Masoretic Accents* Rudolf Kittel (28 de março de 1853, em Eningen, Württemberg – 20 de outubro de 1929, em Leipzig) foi um renomado estudioso alemão do Antigo Testamento.

Edsom Francisco fala que Kittel foi a responsável pela primeira edição da Bíblia hebraica com a sigla BH1, por ser a primeira da super série.



Uma das edições de Kittel de 1956

Para base dessa edição da BH1 Kittel utilizou o texto da Segunda Bíblia Rabínica que fica claro que essa segunda Bíblia Rabínica foi publicada por Daniel Bomberg em Veneza, 1524-251. Esta edição foi editada por Jacob Ben Chayyim e é baseada no texto massorético. Depois dessa edição, ele ainda lançou uma segunda edição ele ainda permanece com o mesmo texto já citado acima, mas, de acordo com Edsom Franciso ele fez mais de 200 revisões.

A CHEGADA DE PAUL E. KAHLE NA ÁREA

Em meados dos anos 30 apareceria agora o estudioso alemão Paul Ernst Kahle (21 de janeiro de 1875 em Hohenstein, Prússia - 24 de setembro de 1964 em Düsseldorf) de acordo com dados históricos Kahle trabalhou como pastor luterano e estudou filologia semítica no Cairo entre 1908 e 1918.

Kahle aparece agora junto com Kittel que o orienta e sugere para abandonar o texto da Segunda Bíblia Rabínica e se basear Bíblia Hebraica baseada principalmente no Códice de Leningrado. Essa seria a terceira edição com a sigla BHK (o K seria uma referência aos seus nomes.

BÍBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA

Chegamos a quarta edição da série da Bíblia Hebraica, agora BHS - Bíblia Hebraica Stuttgartensia. Fora os mais de 20 eruditos em Língua hebraica essa edição contou como editores Karl Elliger e Wilhelm Rudolph. Como era de esperar, essa edição passou por uma grande revisão das edições de Kittel.



Folha de abertura da BHS edição alemã

A Bíblia Hebraica Stuttgartensia (BHS) é uma edição crítica do Texto Massorético da Bíblia Hebraica totalmente baseada no Códice de Leningrado (L), publicada pela Sociedade Bíblica Alemã (Deutsche Bibelgesellschaft), em Stuttgart.

82 Em andamento (estou escrevendo em julho de 2023) está uma nova e robusta edição da BHQ – Bíblia Hebraica Quinta. Uma quinta edição ampla e completa.

PARA APROFUNDAR NESSE TEMA VOU
COLOCAR ABAIXO AS OBRAS QUE
INDICO

Ficher, Alexander Achilles. O texto do Antigo Testamento – Edição reformada de introdução à Bíblia Hebraica de Ernest Würthwein / Fischer, Alexander Achilles. Tradução Vilson Scholz. Barueri, SP : Sociedade Bíblia do Brasil, 2013.

Brotzman, Ellis R. Crítica textual do Antigo Testamento : uma introdução prática/ Ellis R. Brotzman, Eric J. Tully : tradução de Marcio Loureiro Redondo – São Paulo : Vida Nova, 2021.

Tov, Emanuel. Crítica Textual da Bíblia Hebraica : tradução de Edsom de Faria Francisco – Rio de Janeiro : bvbooks, 2016.

Francisco, Edsom de Faria. Manual da Bíblia Hebraica : introdução ao Texto Massorético – guia introdutório para a Bíblia Hebraica Stuttgartensia / Edsom de Faria Francisco. – 3ª Edição revisada e ampliada – São Paulo : Vida Nova, 2008.

Παῦλος ἀπόστολος οὐκ ἀπ' ἀνθρώπων,
οὐδὲ δι' ἀνθρώπου, ἀλλὰ διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ, καὶ θε-
οῦ πατρὸς τοῦ ἐχέραντος αὐτὸν ἐκ νεκρῶν,
Paulus apostolus non ab hominibus neque per hominem
sed per Iesum Christum et Deum patrem qui suscitavit
eum a mortuis

Cronologia e Breve Comentário das Traduções da Bíblia em português

Se quiséssemos comentar todas as traduções da Bíblia em português com detalhes e fotos, precisaríamos de muito mais espaço. No entanto, neste último capítulo, faremos um apanhado geral. Vamos lá!

84 1782/1780 – PADRE ANTÔNIO PEREIRA DE FIGUEIREDO (SIGLA: APF)

A **Bíblia de João Ferreira de Almeida** é considerada a primeira tradução em português. No entanto, a tradução de Figueiredo é anterior. A diferença está nos textos originais utilizados para a tradução. Enquanto Almeida baseou-se nos textos originais, Figueiredo utilizou a Vulgata Clementina, versão oficial e autorizada da Igreja Católica no Concílio de Trento.

Padre Antônio Vieira (1608-1697) foi um religioso, escritor e orador português amplamente reconhecido como a principal figura do Barroco Literário na língua portuguesa. Ele produziu cerca de 200 sermões, nos quais demonstrou profundo conhecimento político, social e religioso.

Nascido em Lisboa, Vieira ingressou na Companhia de Jesus aos 15 anos e destacou-se como pregador, defendendo a colônia e clamando pela expulsão dos holandeses da Bahia e de Pernambuco. Além disso, sua eloquência revitalizou o catolicismo. Suas pregações o levaram a ser conselheiro do rei D. João IV e a representar Portugal em relações econômicas e políticas em Paris, Amsterdã e Roma.

No entanto, sua tradução não foi bem-vista entre os católicos, pois ele defendia ideias diferentes, como a redução da autoridade do Papa em favor do monarca.

1898 – ALMEIDA REVISTA E CORRIGIDA (SIGLA CONHECIDA: ARC)

Essa foi a primeira Bíblia completa em língua portuguesa traduzida diretamente do hebraico, aramaico e grego. **João Ferreira de Almeida**, um protestante que havia se convertido do catolicismo, nasceu por volta de 1628 em Portugal. Ele dedicou-se ao trabalho missionário e atuou como tradutor dos livros sagrados. Aos 16 anos, enquanto servia como missionário no Sudeste da Ásia, iniciou a tarefa de traduzir a Bíblia para o português. Essa tradução ficou conhecida como a Versão Almeida e é amplamente utilizada até hoje. Almeida faleceu em 1693, na Batávia (atual ilha de Java, Indonésia), após uma vida dedicada à obra de Deus. 85

A Sociedade Bíblica do Brasil revisou essa edição várias vezes: em 1949, 1969, 1995 e 2009. Além disso, outras editoras também a editaram e revisaram, como a JUERP (1944, 1997) e a SBP (1968, 2001).

1917 – TRADUÇÃO BRASILEIRA (SIGLA CONHECIDA: TB)

A edição conhecida como Tradução Brasileira, também referida como Versão Brasileira ou Versão Fiel, foi lançada em 1917. Este foi o primeiro projeto de tradução completa da Bíblia a ser empreendido no Brasil, tendo começado em 1903. A direção do projeto foi atribuída ao Dr. Hugh Clarence Tucker. A equipe de tradução era composta por pastores brasileiros e missionários dos Estados Unidos, incluindo Eduardo Campos Pereira, Hipólito de O. Campos, Antônio B. Trajano, Alfredo Borges Teixeira, Alberto Meyer, John M. Kyle, William C. Brown e John R. Smith. O projeto também contou com a colaboração de renomados consultores linguísticos, como Rui Barbosa, José Veríssimo e Heráclito Graça, entre outros, que contribuíram para resolver questões relacionadas à sintaxe do português. Para o Antigo Testamento,

1932 – PADRE MANUEL DE MATOS SOARES (SIGLA CONHECIDA: MMS)

86 O tradutor mencionado foi responsável por uma importante tradução da Bíblia para o português. Sua principal obra foi a tradução comentada da Bíblia Sagrada da Vulgata, publicada em várias edições. A primeira edição ocorreu em 1932, com o auxílio do Padre Luiz Gonzaga da Fonseca, professor do Instituto Bíblico de Roma. Essa edição de 1932 foi traduzida da Vulgata latina Clementina, conforme mencionado anteriormente. Em 1956, o próprio Padre Matos Soares trabalhou em uma nova edição, que foi sua última. Para essa edição, ele utilizou os textos originais em hebraico, aramaico e grego. Essa última edição é publicada pela editora Ecclesiae.

1956 – ALMEIDA REVISTA E ATUALIZADA (SIGLA CONHECIDA: ARA)

Em 1943, as Sociedades Bíblicas Unidas (organização que operava no Brasil na época, posteriormente substituída pela Sociedade Bíblica do Brasil, fundada em 1948) decidiram criar uma Comissão Revisora. Essa comissão, composta por cerca de trinta especialistas em hebraico, grego neotestamentário e vernáculo, trabalhou árdua e fielmente durante treze anos. O resultado foi a Edição Revista e Atualizada, baseada na tradicional versão de João Ferreira de Almeida. Essa versão, já clássica e estimada nos meios evangélicos, foi completamente revisada à luz dos textos originais. A linguagem foi ajustada para ser acessível aos leitores contemporâneos, mantendo as características principais da tradução formal de Almeida. Em 1993, passou por uma segunda revisão pela SBB (ARA), e em 2017, foi renomeada como NAA – Nova Almeida Atualizada devido a várias mudanças significativas.

1959 – BÍBLIA DA AVE MARIA (SIGLA CONHECIDA: BVM)

Essa edição foi traduzida da Versão da Bíblia Sagrada em francês de 1954 pelos monges beneditinos de Maredsous, na Bélgica. A tradução foi feita diretamente do grego, aramaico e hebraico. Em 2006, foi lançada uma nova edição. A Bíblia Ave-
Maria possui linguagem acessível e conta com diversas edições em português, incluindo a “Edição Catequese”, “Pastoral Catequético Popular”, “Edição de Estudo”, “Média Zíper” e “Edição Jovem”. 87

1967 – ALMEIDA VERSÃO REVISADA (SIGLA CONHECIDA: VR)

Publicada pela Imprensa Bíblica Brasileira, essa versão é baseada na tradução de Almeida (ARC), mas com maior naturalidade. Sua segunda edição ocorreu em 1986. Posteriormente, um consórcio formado por Imprensa Bíblica Brasileira/JUERP, Edições Vida Nova, Editora Hagnos e Editora Atos publicou a Almeida Século 21 em 2005, baseada na versão revisada de 1986.

1972 – A BÍBLIA PARA TODOS - EDIÇÃO CATÓLICA (SIGLA CONHECIDA: BPT)

Essa tradução foi iniciada em junho de 1972 e é feita a partir das línguas originais: hebraico e aramaico do Antigo Testamento, e grego do Novo Testamento, para o português-europeu corrente. Ela foi pensada para o público geral, tornando as narrativas bíblicas mais fáceis de entender e relacionar com o cotidiano do leitor.

1981 – A BÍBLIA VIVA (SIGLA: VIVA)

A Bíblia Viva foi revisada em 2010 e recebeu o título de Nova Bíblia Viva. Essa versão busca tornar o texto bíblico mais acessível e compreensível para os leitores, proporcionando uma experiência de leitura dinâmica e contemporânea. Vale ressaltar que

a versão em inglês foi criada com o objetivo de ser compreensível para crianças e teve uma recepção tão positiva que foi traduzida para várias outras línguas. No entanto, é importante notar que essa versão não é uma tradução literal; na verdade, trata-se de uma paráfrase, o que significa que foram feitas algumas adaptações e inserções de comentários. Em alguns trechos, ela se afasta um pouco das regras de tradução geralmente aceitas.

1988 – A BÍBLIA NA LINGUAGEM DE HOJE (SIGLA: BLH)

A história da Bíblia na Linguagem de Hoje começou no Brasil em 1973, quando foi publicado o Novo Testamento. Antes disso, já haviam sido publicadas traduções semelhantes em outras línguas, como espanhol (“Dios habla hoy”) e inglês (“Good News Bible”, depois chamada de “Today’s English Version”). Essas são traduções que seguem o princípio de equivalência dinâmica ou funcional, em que o tradutor não adota uma “consistência cega”, ou seja, leva em conta as palavras do original, mas não esquece o que elas significam dentro de diferentes contextos.

Depois do lançamento do Novo Testamento em 1973, a comissão de tradução deu continuidade à tradução do Antigo Testamento, que foi publicada em 1988. Logo em seguida, a comissão tratou de fazer nova revisão do texto, especialmente do Novo Testamento. Assim, em 2000, foi lançada essa edição revisada, com o nome de Nova Tradução na Linguagem de Hoje.

1990 – EDIÇÃO CONTEMPORÂNEA DE ALMEIDA (SIGLA CONHECIDA: AEC)

A Edição Contemporânea de Almeida foi publicada pela Editora Vida em 1990 e é uma atualização da Almeida Revista e Corrigida. Seu objetivo foi eliminar arcaísmos e ambiguidades do texto original de Almeida.

1994 – BÍBLIA PASTORAL (SIGLA CONHECIDA: BP)

A Nova Bíblia Pastoral foi lançada pela PAULUS Editora após 24 anos da publicação da Bíblia Sagrada – Edição Pastoral. Mantendo a orientação pastoral, essa nova edição apresenta uma nova tradução, introduções atualizadas e novas notas. Ela foi **89** elaborada para atender às necessidades pastorais da realidade atual, com um texto acessível ao povo e notas explicativas. A Nova Bíblia Pastoral é destinada a todos os fiéis, grupos de estudo, reflexão, catequese e oração.

1995 – ALMEIDA CORRIGIDA FIEL (SIGLA CONHECIDA: ACF)

A Bíblia Almeida Corrigida e Revisada, fiel ao Texto Original, é uma tradução da Bíblia publicada pela Sociedade Bíblica Trinitariana. Essa versão foi baseada integralmente no Textus Receptus (TR), que é um conjunto de manuscritos gregos do Novo Testamento. Além disso, passou por uma pequena revisão em 1995.

2001 – NOVA VERSÃO INTERNACIONAL (SIGLA CONHECIDA: NVI)

A Nova Versão Internacional (NVI) é uma tradução evangélica da Bíblia em português, publicada em 2001. Ela foi traduzida diretamente dos idiomas originais da Bíblia (hebraico, aramaico e grego) pela International Bible Society, atualmente chamada “Bíblica Brasil”, e publicada pela Editora Vida. O projeto de tradução em língua portuguesa começou em 1990, e a versão completa foi baseada na mesma filosofia de tradução da New International Version (NIV).

2001 – BÍBLIA KING JAMES ATUALIZADA (SIGLA CONHECIDA BKJ)

90

Publicada em parceria pela Abba Press e Sociedade Bíblica Ibero-Americana (data incerta), apesar de ter o nome da famosa Bíblia em inglês, King James Version (KJV), ela não é uma tradução do inglês e não usa os mesmos textos originais que a KJV.

A Bíblia King James é uma tradução icônica que remonta a 1611. Ela foi encomendada pelo rei James I da Inglaterra e produzida por um comitê de eruditos altamente qualificados. A versão em português, chamada King James Atualizada (KJA), foi realizada pela Sociedade Bíblica Ibero-Americana em parceria com a Abba Press. Essa versão mantém o estilo literário shakespeariano da KJV e é reverente e majestosa, assim como a original. A KJA é uma realização notável, e seu Novo Testamento completo é acompanhado pelos livros de sabedoria do Antigo Testamento: Salmos e Provérbios, com notas e comentários.

2008 – REINA VALERA EM PORTUGUÊS (SIGLA CONHECIDA RVP)

A Reina-Valera é uma conhecida versão da Bíblia que alcançou ampla difusão durante a Reforma Protestante do século XVI. Ela representa a primeira tradução completa, direta e literal dos textos bíblicos em grego, hebraico e aramaico para o espanhol. O nome “Reina-Valera” é uma combinação dos esforços de Casiodoro de Reina, o autor principal, e Cipriano de Valera, seu primeiro revisor. A versão Reina-Valera é altamente reverenciada e tem sido uma fonte importante para os falantes de espanhol que desejam estudar as Escrituras.

A bíblia na versão Reina-Valera em Português 2009 (RVP-0910) é uma versão brasileira traduzida a partir da versão espanhola Reina-Valera, que foi bastante difundida durante a Reforma Protestante do Século XVI, sendo a primeira tradução

castelhana completa.[1]O projeto da Reina-Valera em língua portuguesa teve início em 1999, com a formação de uma equipe composta de tradutores da língua espanhola, pessoas ligadas às áreas de linguística e literatura, e revisores, para efetuar a tradução diretamente do espanhol, com cotejamento das línguas originais e comparações com outras versões conceituadas.

91

A direção da tradução foi dividida em duas diretrizes, uma técnico-institucional, e outra linguística. A primeira esteve relacionada às necessidades técnicas da Sociedade Bíblica Intercontinental, a termo da Sociedade Bíblica Intercontinental do Brasil, e a segunda foi desenvolvida pela Unipro Editora, no âmbito linguístico e teológico

2011 – BÍBLIA A MENSAGEM (SIGLA CONHECIDA MEN)

É uma paráfrase, traduzida para o inglês por Eugene Peterson (The Message). Publicada no Brasil pela Editora Vida em 2011. Esta tradução usa o conceito da tradução dinâmica, não da literal. Ela procura entender o que o texto original diz e depois traduz a ideia para o português usando as expressões idiomáticas do português contemporâneo.

Não significa que colocamos literalmente todas, não, acredito que eu deva ter esquecido alguma, mas, será um número baixo.



Jean Carlos da Silva é com muito orgulho natural de Mossoró / RN. Casado com Joseane Lima Alcântara e tem uma filha Laura Letícia.

Congrega na AD Belém - Setor 13/Suzano (Pastor Saulo Malafon). É Ministro do Evangelho filiado a CONFRADESP-SP E CGADB.

Tem curso básico de missões pela EMAD – **Escola de Missões das Assembleia de Deus** em 1996.

Tem curso médio em teologia pelo IBAD – **Instituto Bíblico das Assembleias de Deus** no período de 1999-2001.

Tem Bacharel em Teologia livre pelo STID – **Seminário Teológico da Igreja de Deus no Brasil** no período de 2001-2005

Tem Mestrado em Teologia livre pelo STID – **Seminário Teológico da Igreja de Deus no Brasil** no período de 2005-2007

Tem Doutorado em Teologia Exegética livre pela **FATEF-Faculdade de Teologia e Filosofia de São Paulo** em 2011 (Mantenedora do Centro Educacional Avançado)

94 Tem Doutorado em Teologia Ministerial livre pela **FATECBA – Faculdade Teológica e Cultural da Bahia** em 2016.

É DOCTOR HONORIS CAUSA EM EXEGESIS BIBLICA pela **Faculda de Teologia Manantial em Buenos Aires** – Argentina em 2013

Tem curso básico de hebraico pelo CLBLICA DO STID – Centro de Línguas Bíblicas do **Seminário Teológico da Igreja de Deus no Brasil** em 2008

Tem curso de Extensão Universitária da FFLCH de Grego Instrumental I e II em 2008/09

Tem Licenciatura em pela **Faculdade São Bento em São Paulo** de Latim Eclesiástico I e II em 2011/12

Tem Licenciatura em português pela **UNINOVE-SP** no período de 2014-2018

Em 1994 tornou-se professor da EBD no Setor-13 da Lapa – AD Ministério do Belém

Em 2001 começou a ministrar seminários bíblicos em vários estados da Federação.

Em 2004 começou a trabalhar com cursos teológicos em São Paulo nas escolas: IBETEL, Setad, Cetad, Ibad, Estemad e FAESP

Em 2004 começou o projeto de escrita e comentário da Bíblia. Atualmente já se encontra com mais de 40 livros **95** comentados

Em 2010 tornou-se professor de Grego e Hebraico (pela larga experiência que tinha) na Faculdade Teológica Betesda.

Em 2010 tornou-se professor de Grego e Hebraico (pela larga experiência que tinha) no ICP – Instituto Cristão de Pesquisas

Em 2014 começou ensinar, mesmo que de forma básica, latim eclesiástico no Youtube

Em 2015 começou o Projeto da Grammata Publicações para lançar novos autores

Profissionalmente o professor Jean Carlos tem experiência como editor, revisor, capista, diagramador, ilustrador, desenho animado, edição de vídeo, captação de áudio, edição de áudio, mixagem e masterização profissional.

Ainda tem curso incompleto de regência e composição, arranjos para orquestra, tessituras de mais de 20 instrumentos, toca violão clássico, piano acústico, instrumentos de corda e cavaquinho.

Já atuou como professor de grego, hebraico e latim em várias escolas (cursos livres), já foi superintendente de EBD em vários setores, já foi líder de discipulado, já trabalhou como ensinador para novos obreiros em cultos de ensino, EBO's, simpósios e encerramentos de trimestre da EBD.

Παῦλος ἀπόστολος οὐκ ἀπ' ἀνθρώπων,
οὐδὲ δι' ἀνθρώπου, ἀλλὰ διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ, καὶ θε-
οπατρὸς τοῦ ἐγείραντος αὐτὸν ἐκ νεκρῶν,
Paulus apostolus non ab hominibus neque per hominem
sed per Iesum Christum et Deum patrem qui suscitavit
eum a mortuis

Referências

1. FONTES PRINCIPAIS: VERSÕES DA BÍBLIA EM LÍNGUA PORTUGUESA.

98

A BÍBLIA SAGRADA: **Traduzida por João Ferreira de Almeida.** Edição Revista e Corrigida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

A BÍBLIA SAGRADA: **Traduzida por João Ferreira de Almeida.** Almeida Corrigida Fiel - ACF. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2013.

A BÍBLIA SAGRADA: **Tradução Brasileira** - TB. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

A BÍBLIA SAGRADA: **Tradução King James Atualizada** - KJA. Várzea Paulista - SP: Sociedade Bíblica Íbero-Americana e Abba Press Editora, 2020.

A BÍBLIA SAGRADA: **Versão BKJ Fiel de 1611** - KJF. Rio de Janeiro: BV BOOKS EDITORA, 2015.

A BÍBLIA SAGRADA: **Traduzida por João Ferreira de Almeida.** Edição Nova Almeida Atualizada - NAA. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

A BÍBLIA SAGRADA: **Nova Versão Internacional** - NVI. São Paulo: Editora Vida, 2000.

A BÍBLIA SAGRADA: **Nova Versão Transformadora** - NVT. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2016.

A BÍBLIA SAGRADA: **Nova Tradução na Linguagem de Hoje**
- NTLH. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

2. FONTES SELECIONADAS: BÍBLIAS DE ESTUDO

99

BÍBLIA ANOTADA. São Paulo: **Sociedade Bíblica do Brasil** SBB, 1994.

BÍBLIA DE ESTUDO DE APLICAÇÃO PESSOAL. São Paulo: **Sociedade Bíblica do Brasil** SBB, 2003.

BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. São Paulo: **Sociedade Bíblica do Brasil** SBB, 1995.

BÍBLIA DE REFERÊNCIA THOMPSON. São Paulo: **Editora Vida**, 1996.

BÍBLIA VIDA NOVA. São Paulo: **Editora Vida Nova**, 1989.

BÍBLIA DE ESTUDO CRONOLÓGICA. São Paulo: CPAD, 2005.

3. FONTES SELECIONADAS: DICIONÁRIOS BÍBLICOS E TEOLÓGICOS

DAVIS, John. **Dicionário da Bíblia**. Rio de Janeiro: Editora Juerp, 1993.

100

BOYER, O.S. **Pequena Enciclopédia Bíblica**. São Paulo: Editora Vida, 1994.

ANDRADE, Claudionor Corrêa de. **Dicionário Teológico**. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 1996.

ANDRADE, Claudionor Corrêa de. **Dicionário de Escatologia**. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 1998.

DOUGLAS, J.D. (org.) **O Novo Dicionário da Bíblia**. São Paulo: Editora VidaNova, 2001.

BROWN, C. **O Novo Dicionário de Teologia**. Volumes 3 e 4. São Paulo: Editora Vida Nova, 1987.

A. ELWELL, Walter. **Enciclopédia histórico -Teológica da Igreja Cristã**. Volumes 1, 2 e 3. São Paulo: Edições Vida Nova, 1982.

4. FONTES SELECIONADAS: OBRAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário Etimológica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Brasília, 1974. Obra em 8 Volumes

101

CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário Etimológica da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.

CIVITA, Victor (editor). **Dicionário Biográfico**. Volumes 1 e 2. São Paulo: Editora Abril, 1972.

AZEVEDO, Francisco Ferreira do Santos. **Dicionário Analógico da Língua Portuguesa** – 2ª Edição Revisada. Rio de Janeiro: Editora Lexikon, 2010

ROCHA, Ruth. **Minidicionário**. São Paulo: Editora Scipione, 2001.

SARGENTIM, Hermínio. **Dicionário de Ideias Afins**. São Paulo: Editora IBEP (Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas), sem ano.

VIANA, Moacir da Cunha (editor). **Dicionário didático da língua Portuguesa**. Editora Didática Paulista.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 3a ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999.

5. FONTES SELECIONADAS: NOVOS TESTAMENTOS EM GREGO

102 ALLAND, kurt. **The Greek New Testament.** Nestle-Aland, Novum Testamentum Graece, 28th Revised Edition, edited by Barbara and Kurt Aland, Johannes Karavidopoulos, Carlo M. Martini, and Bruce M. Metzger in cooperation with the Institute for New Testament Textual Research, Münster/Westphalia, © 2012 Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart.

The Greek New Testament According to The Majority. Zane C. Hodges e Artur L. Farstad. Thomas Nelson Publishers. Nashville - USA, 1985.

The Greek New Testament Tyndale House. Published by Crossway - USA, 2017.

The Greek New Testament According to Family 35. Wilbur N. Pickering. 2015.

H KAINH DIAQHKH. **O Novo Testamento Grego. Texto Recebido.** The Trinitarian Bible Society, 1902

FRIBERG, Barbara & FRIBERG, Timothy. **O Novo Testamento Grego Analítico.** São Paulo: Editora Vida Nova, 1987.

Logo Bible Software. **The Greek New Testament SBL EDITION** Londres: The Society of Biblical Literature, 2010.

PETTER, Hugo. **La Nueva Concordancia Griego-Español del Nuevo Testamento.** Viladecavalls: Editorial CLIE, 1982.

6. FONTES SELECIONADAS: NOVOS TESTAMENTOS EM GREGO INTERLINEARES

NOVO Testamento Interlinear Grego/Português. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

103

LUZ, Waldir Carvalho. **Novo Testamento Interlinear.** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.

GOMES E OLIVETTI, Paulo Sergio e Odayr. **Novo Testamento Interlinear Analítico Grego-Português.** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2015.

LACUEVA, Francisco. **Nuevo Testamento Interlineal Griego-Español.** Barcelona: Terrassa, 1984.

7. FONTES SELECIONADAS: DICIONÁRIOS E GRAMÁTICAS

BROWN, Colin & COENEN Lothar. (orgs.) **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento.** vol. 1. São Paulo: Vida Nova, 2000.

DOBSON, John H. **Aprenda o Grego no Novo Testamento.** Rio de Janeiro: CPAD, 1994.

DAVIS, Guillermo. **Gramatica Elemental del Griego del Nuevo Testamento.** El Paso, Texas: Casa Bautista de Publicaciones, 1979.

GINGRICH, F. Wilbur & DANKER, Frederick W. **Léxico do Novo Testamento Grego/Português**. São Paulo: Vida Nova, 1984.

104 BERGMANN, Johannes & REGA, Lourenço S. **Noções do Grego Bíblico**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2004.

TAYLOR, Willian C. **Dicionário do Novo Testamento Grego/Português**. Rio de Janeiro: JUERP, 1978.

RIENECKER, Fritz & ROGERS, Cleon. **Chave Linguística do Novo Testamento Grego**. São Paulo: Editora Vida nova, 1998.

LUZ, Waldir Carvalho. **Manual de Língua Grega. Volumes 1, 2 e 3**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1991.

DINKINS, Frederico. **Gálatas e Efésios**. Minas gerais. 1985.

BALGUR, R. IUSIM, H. **Dicionário Básico – Hebraico Português**. 1982.

ZIMER, Rudi. **Dicionário Hebraico – Português e Aramaico – português**. Rio de Janeiro: Editora Sinodal e Editora Vozes, 2004.

DANIELLOU, Maria da Eucaristia. **Curso de Grego I Gramática**. Rio de Janeiro: Biblioteca Científica Brasileira Coleção do Estudante III, 1957.

DAVIS, Guillermo. **Gramatica Elemental del Grego del Nuevo Testamento.** (PASO, Bautista). 1979

DEMOSS, Matthew S. **Dicionário Gramatical do Grego do Novo Testamento.** São Paulo: Editora Vida, 2004

FRIRE, Antonio. **Gramática Grega.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GINGRICH, F. Wilbur. **Léxico do Novo Testamento, Grego/Português.** São Paulo: Vida Nova, 1984.

LOUW, Johannes e NIDA, Eugene. **Léxico do Grego-Português do Novo Testamento.** São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

ELLIGER, K. - RUDOLPH, W. **Bíblia Hebraica Stuttgartensia.** 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, [1967/77], 1997.

KALTNER, J.; MCKENZIE, S. L. (eds.) **Beyond Babel: A Handbook for Biblical Hebrew and Related Languages.** Atlanta: Society of Biblical Literature, 2002.

KELLEY, P. H., **Hebraico bíblico: uma gramática introdutória.** 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

KIRST, N. et al. **Dicionário hebraico-português e aramaico-português.** 18. ed. São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/Vozes, 2004.

LAMBDIN, Th. O. **Gramática do hebraico bíblico.** São Paulo: Paulus, 2003.

MENDES, P. **Noções de hebraico bíblico: texto programado.** São Paulo: Vida Nova, 1981. 12a. reimpressão, 2003.

106 MITCHEL, L. A.; OSVALDO C. PINTO, C.; METZGER, B. M. **Pequeno dicionário de línguas bíblicas: hebraico e grego.** São Paulo: Vida Nova, 2003.

SAYÃO, L. (ed.) **Antigo Testamento poliglota.** São Paulo: Vida Nova, 2003.

HOLLADAY, Willian L. **Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento / Tradução Daniel de Oliveira.** São Paulo: Vida Nova, 2010.

LUIZ, Alonso Schôkel. **Dicionário bíblico hebraico-português: Tradução Ivo Stomiolo: hebraico e grego.** São Paulo: Paulus, 1997.

FRANCISCO, Edson de Faria. **Antigo Testamento Interlinear hebraico-português – Volume 1 – Pentateuco / Edson de Faria Francisco.** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

Ancien Testament interlinéaire hebreu-français. Villiers-Le-Bel: Societé biblique française, 2007

Antigo Testamento Interlineal hebreu-espanhol. Barcelona. 1984. Obras em 4 volumes

RAHLES, Alfred; HANHART, Robert (editores). **Septuaginta: Id est vetus testamentum graece iuxta LXX interpretes – Editio Altera. Vols. 1 e 2.** Stuttgart. Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

Biblia Sacra Iuxta Vulgatam Clementinam QUARTA EDITIO
Logicis Partitionibus aliisque Subidis ornata a ALBERTO
COLUNGA ET LAURENTIO TURRADO, 1946
EIT-ARIE, Malachi; SIRAT, Colette; GLATZER, Mordechai
(eds.). **Codices hebraicis litteris exarati quo tempore scripti
fuerint exhibentes**, tome

107

I: Jusqu'à 1020. **Monumenta Palaeographica Medii Aevi**,
Series hebraica, vol. I. Turnhout: Brepols, 1997.

EVEN-SHOSHAN, Abraham (ed.). **A New Concordance of
the Old Testament**: Using the Hebrew and Aramaic Text. 2a.
edição Grand Rapids: Baker, 1997.

FRANCISCO, Edson de Faria. **Manual da Bíblia Hebraica:
Introdução ao Texto Massorético – Guia Introductório para a
Bíblia Hebraica Stuttgartensia**. 2. edição corrigida e ampliada.
São Paulo: Vida Nova, 2005.

ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (eds.). **Bíblia Hebraica
Stuttgartensia**. 5a. edição Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft,
1997.

KITTEL, Rudolf; KAHLE, Paul E. (eds.). **Bíblia Hebraica** 3.
8a. edição Stuttgart: Privilegierte Württembergische Bibelanstalt,
1952

SCHENKER, Adrian et alii (eds.). **Bíblia Hebraica Quinta**.
Fascicle 18: General Introduction and Megilloth. Stuttgart:
Deutsche Bibelgesellschaft, 2004.

8. FONTES SELECIONADAS: OBRAS EM LATIM (MINHA PAIXÃO)

108

MAGNE, Augusto. **Dicionário Etimológico da Língua Latina.**

Rio de Janeiro: MEC, 1952.

FARIA, Ernesto (org.). **Dicionário Escolar Latim – português.**

Rio de Janeiro: MEC, 1955.

TOSI, Renzo. **Dicionário de Sentenças latinas e gregas.** São

Paulo: Martins Fontes, 2000.

VIEIRA, Jair Lot. **Dicionário Latim-português.** São Paulo:

edipro, 2018.

POPPELMANN, Christa. **Dicionário de Máximas e Expressões**

em Latim. São Paulo: Editora Escala, 2010.

RAVIZZA, João. **Gramática Latina.** Rio de Janeiro: Editora

CDB – Centro Dom Bosco, 2020.

9. FONTES ESCATOLÓGICAS E JURÍDICAS

SHEDD, Russel (Editor). **O Novo Comentário da Bíblia**. São Paulo: Editora Vida nova, 2001.

CHAFER, L. S. **Teologia Sistemática**, 1a ed. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1986. **109**

BROWN, C. **O Novo Dicionário de Teologia**. volumes 3 e 4. São Paulo: Editora Vida Nova, 1987.

HALLEY, Henry H. **Manual Bíblico de Halley**. 5a Edição. São Paulo: Editora Vida Nova, 1983.

A. E. BLOOMFLIED. **Apocalipse – O Futuro Glorioso do Planeta Terra**

LAMEGO, José. **Hermenêutica e Jurisprudência**. Análise de uma “recepção”, Editorial Fragmentos, Lisboa, 1990.

MAGALHÃES, Maria da Conceição Ferreira. **A hermenêutica jurídica**. Rio de Janeiro: Forense, 1989.

MAXIMILIANO, Carlos. **Hermenêutica e aplicação do Direito**. São Paulo: Revista Forense, 1999 (1924).

PERELMAN, Chaïm. **Lógica Jurídica**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

STRECK, Lenio Luiz. **Hermenêutica jurídica e(m) crise**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1999.

WARAT, Luis Alberto. **O direito e sua linguagem**, 2a versão. 2a ed. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris, 1995.

110

10. Fontes Seleccionadas: Comentários bíblicos utilizados

CLARKE, Adam. **Comentário do Antigo Testamento**. São Paulo: 2003.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Editora Hagnos, 2003.

_____. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Editora Hagnos, 2003.

DAY, Jackson. **Narrativas Bíblicas do Antigo Testamento**. Santa Bárbara d'Oeste : Editora Socep, 2010.

_____. **Narrativas Bíblicas do Novo Testamento**. Santa Bárbara d'Oeste : Editora Socep, 2010.

ELLISEN, Stanley A. **Conheça melhor o Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Vida, 2000.

BALDWIN, Joyce G. (outro autores). **Introdução e Comentário do Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2008.

BALDWIN, Joyce G. (outro autores). **Introdução e Comentário**

do Novo Testamento. São Paulo: Editora Vida Nova, 2008.

HALLEY, Henry. **Manual Bíblico.** São Paulo: Edições Vida Nova, 1994.

WILLMINGTON, Harold. **Manual de Discernimento Bíblico.** ¹¹¹
São Paulo: Editora Templus, 2012.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo** – Obra Completa São Paulo: Editora Geográfica. 2006.

KISTEMAKER, Simon J. **Comentário do Novo Testamento** – Obra Completa São Paulo: Cultura Cristã. 2003.

LOPES, Hernandes Dias. **Comentário do Novo Testamento – Obra Completa** São Paulo: Editora Hagnos. 2003.
_____. **Comentário do Antigo Testamento – Obra Completa** São Paulo: Editora Hagnos. 2003.

HÖRSTER, Gerhard. **Comentário do Novo Testamento** – Obra Completa São Paulo: Esperança. 2003.

